

Exemplar avulso: R\$ 20,90



VISÕES DO FIM

Conhecimento que
transforma

Deus, Jó
e o leviatã

Vamos
planejar?

70 ANOS

MINISTÉRIO

UMA REVISTA PARA PASTORES E LÍDERES DE IGREJA

JAN - FEV. 2024



VISITA DO MINISTERIAL



Milton Andrade
editor da revista
Ministério

João era um pastor que supervisionava um distrito de sete igrejas.

Entre pregações e aconselhamentos, ele aproveitava o tempo para testemunhar sobre a transformação que Cristo havia feito em sua vida. Porém, nem tudo era perfeito. Em seu território, os cristãos passaram a enfrentar forte perseguição e apostasia. A situação se agravou quando João foi levado para a prisão por causa de sua fé. Você conhece esse pastor?

A prisão de João ficava em Patmos, uma pequena ilha localizada no mar Egeu, a quase 80 quilômetros de Éfeso, sua “igreja central”. De acordo com alguns teólogos, essa ilha estéril funcionava como uma espécie de colônia penal, para a qual as autoridades romanas enviavam os criminosos. Lá, o pastor João sofreu com grilhões pesados, comida escassa, noites maldormidas e, provavelmente, trabalho forçado nas pedreiras. Foi naquela ilha de cerca de 40 quilômetros quadrados que o experiente João recebeu a visita do seu Ministerial.

Você já recebeu a visita de um pastor ministerial? Eu já, várias vezes. Foram momentos de aprendizado, encorajamento e reconsagração. No caso de João, ele recebeu a visita do próprio Cristo, o Pastor dos pastores, Aquele que o havia chamado para o ministério à beira da praia, décadas antes. Por meio de uma visão extraordinária, Jesus Se apresentou a João com vestes sacerdotais, andando entre sete candelabros de ouro. Seus cabelos brancos representavam sabedoria e experiência (Jó 15:10; Pv 20:29). Seus olhos, como chamas de fogo, denotavam onisciência (Ap 2:18, 23). Os pés, como bronze polido, simbolizavam força e estabilidade (Ez 1:7). Seu rosto era reluzente e de Sua boca saía uma espada afiada, ambos sinetes de Sua autoridade divina (Mt 17:2, 3; Hb 4:12).

Cristo apareceu a João com, pelo menos, duas finalidades. Primeira: revelar que Ele cuida de Suas igrejas (Ap 1:20). O pastor estava preso, mas o Ministerial caminhava entre Seu povo. Essa cena traz à mente a promessa da aliança feita com o antigo Israel: “Andarei entre vocês e serei o Seu Deus, e vocês serão o Meu povo”. (Lv 26:12). Portanto, se hoje você está preocupado com a igreja, lembre-se de que ela “é o único objeto ao qual Deus concede de maneira especial Sua suprema atenção” (Ellen G. White, *Atos dos Apóstolos* [2021], p. 8).

A segunda razão pela qual Cristo visitou João em Patmos foi para trazer ânimo a Seu amigo. Jesus demonstrou que o pastor não estava abandonado naquela ilha, mas ainda tinha uma

missão a cumprir (Ap 1:1, 19). O Ministerial Se apresentou como “o Primeiro e o Último” (v. 17). É interessante observar que a palavra grega para “último” é *eschatos*, da qual deriva o termo “escatologia”. Isso mostra que o foco da escatologia em Apocalipse não está nos acontecimentos do tempo do fim, mas, sim, em Jesus Cristo e Sua presença em meio a Seu povo.

Pensando nisso, a revista *Ministério* trará em 2024 uma série especial sobre o Apocalipse, escrita pelo pastor Marcos De Benedicto. Ela fará parte da celebração de 70 anos deste periódico que tem levado Cristo e Sua Palavra a milhares de pastores e líderes de igreja na América do Sul.

Querido colega de ministério, se hoje você está em alguma “Patmos”, preocupado com as “pedras” do presente e as “ondas” do futuro, lembre-se de que o Supremo Pastor está cuidando de Sua igreja e também tem os olhos voltados para você. Confie Nele!

Mudanças na equipe editorial. Nesta edição nos despedimos do pastor Wellington Barbosa, que seguirá como gerente editorial da CPB. Registramos aqui nossa profunda gratidão pelo trabalho realizado com excelência. E damos as boas-vindas ao pastor Glauber S. Araújo, novo editor associado da *Ministério*. ■

“
**O Supremo
Pastor está
cuidando de Sua
igreja e também
tem os olhos
voltados para
você.**”





8

A arquitetura do Apocalipse

Marcos De Benedicto



20

Sigilo pastoral

Marlon C. Robinson



S U M Á R I O

Editorial **2**

Entrelinhas **5**

Entrevista **6**

Ponto a ponto **33**

Dicas de leitura **34**

Palavra final **35**

24

Deus, Jô e o leviatã

Ezinaldo Pereira,

Carlos Silva e

Felipe Macedo

16

Conhecimento que transforma

Emilson dos Reis

30

Disciplina e redenção

Martin Mammana



27

Vamos planejar?

Rubens Mandelli



MINISTÉRIO

Uma publicação da Igreja Adventista do Sétimo Dia

Ano 95 – Número 571 – Jan/Fev 2024
Periódico Bimestral – ISSN 2236-7071

Editor Milton Andrade
Editor Associado Glauber Araújo
Revisora Rose Santos

Editor de Arte Thiago Lobo
Projeto Gráfico Fernando De Lima
Capa Sवासco | Adobe Stock

Ministério na Internet
🌐 www.ministeriopastoral.com.br
f @revistaministerio
@revistaministerio
X @MinisterioBRA
✉ ministerio@cpb.com.br

Conselho Editorial
Lucas Alves; Josué Espinoza; Adolfo Suarez;
Marcos Blanco; Walter Steger; Eric Richter;
Pavel Goia; Jeffrey Brown; Adrián Bentancor;
Alvaro Cáceres; Claudiney Santos; Edison Choque;
Edmundo Cevallos; Elieser Vargas; Francisco
Abdoval; Javier López; José Wilson; Juan Vargas;
Guilherme Delgado; Levino Oliveira; Luciano
Salviano; Marcelo Carvalho; Milton Mayo; Ralides
Nascimento.

CASA PUBLICADORA BRASILEIRA



Editora da Igreja Adventista do Sétimo Dia
Rodovia SP 127 – km 106
Caixa Postal 34 – 18270-970 – Tatuí, SP

Diretor-Geral Edson Erthal de Medeiros
Diretor Financeiro Uilson Garcia
Gerente Editorial Wellington Barbosa

Serviço de Atendimento ao Cliente
Ligue Grátis: 0800 979 06 06
Segunda a quinta, das 8h às 20h
Sexta, das 7h30 às 15h45
Domingo, das 8h30 às 14h
Site: www.cpb.com.br
E-mail: sac@cpb.com.br

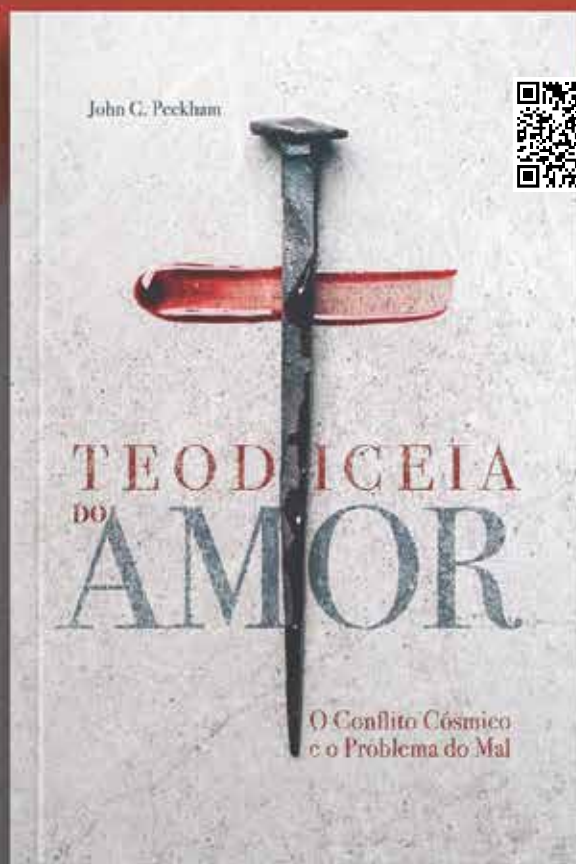
Assinatura: R\$ 102,00
Exemplar Avulso: R\$ 20,90



Todos os direitos reservados. Proibida a reprodução total ou parcial, por quaisquer meios, sejam impressos, eletrônicos, fotográficos ou sonoros, entre outros, sem prévia autorização por escrito da editora.

ENTRE O
BEM E O
MAL

MKT CPB | Adobe Stock



UM RELATO DOS
INTRIGANTES BASTIDORES
DO CONFLITO CÓSMICO.

cpb.com.br • 0800-9790606
CPB livraria • (15) 98100-5073
Pessoa jurídica/distribuidor (15) 3205-8910
atendimento@cpb.com.br



Baixe o
Aplicativo CPB

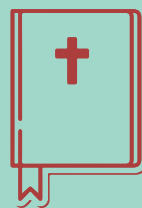


Escreva para a MINISTÉRIO

 ministerio@cpb.com.br

AaI Utilize fonte
Arial, tamanho
12, espaço 1,5

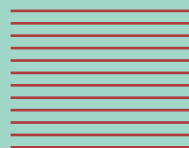
¹Ranko Stefanovic, *Plain Revelation* (Berrien Springs, MI: Andrews University Press, 2013), p. 46. Insira **notas** de fim de texto



Use a versão bíblica **NAA**



Envie uma foto pessoal em alta resolução



Escreva textos de **8 mil** até **12 mil** caracteres com espaços

Temáticas

- Teologia
- Missão
- Pregação
- Espiritualidade
- Saúde
- Administração
- Liturgia
- História da igreja



Lucas Alves

secretário ministerial
para a Igreja Adventista
na América do Sul

O CENTRO DA PROFECIA

Estudos e pregações voltados para o livro do Apocalipse são mais comuns em dias de instabilidade econômica, guerras ou pandemias. Nesse contexto, não é incomum vermos opiniões surgirem em diferentes redes sociais, *podcasts* e programas tentando interpretar esses eventos à luz da escatologia. Por vezes, esse ambiente fomenta muita especulação, além de enfatizar temas que não merecem tanto nossa atenção, embora devam ser discutidos. São debatidos assuntos como as bestas, os quadros proféticos ou os sinais do fim do mundo, mas o centro da profecia, Jesus Cristo, é relegado à periferia de nossa atenção.

Vários estudiosos nos convidam a estudar a Bíblia de forma cristocêntrica, especialmente o livro do Apocalipse. Grant Osborne, por exemplo, afirma: “Desde o início, João quer que o leitor entenda que Aquele ‘Jesus Cristo’ que Se encarnou, revelou-Se em forma humana, morreu na cruz e ressuscitou é o mesmo que faz a mediação das visões em Apocalipse” (*Apocalipse: Comentário Exegético*, p. 57). De acordo com Simon J. Kistemaker, “quando Jesus Cristo compartilha a revelação que recebera, naquele momento ela se converte em Sua própria revelação. Aliás, o título deste livro também pode significar que Jesus Cristo apresenta revelação sobre Ele mesmo. Esse é o caso na segunda metade do capítulo e em outros lugares, onde Ele Se revela a João e aos leitores das cartas” (*Comentário do Novo Testamento: Apocalipse*, p. 107). Para Ranko Stefanovic, “o livro do Apocalipse é a revelação de Jesus Cristo, na qual Ele revela Seu ministério em prol da igreja após o Calvário. O Apocalipse, assim como as Escrituras do AT (Jo 5:39), testifica de Cristo” (*Revelação de Jesus Cristo*, p. 65). Segundo Jon Paulien, esse livro, “em última análise, é a revelação de Jesus Cristo. A mensagem do livro é sobre o Cordeiro sacrificial, Aquele que derramou Seu sangue para que pudéssemos viver. É a base para que tenhamos uma vida autêntica” (*Las Siete Claves Del Apocalipsis*, p. 139).

“
São debatidos assuntos como as bestas, os quadros proféticos ou os sinais do fim do mundo, mas o centro da profecia, Jesus Cristo, é relegado à periferia de nossa atenção.”

Estou convicto de que o Apocalipse é um dos livros mais cristocêntricos da Bíblia. Esse livro fala de Seu nascimento (Ap 12:13), Sua morte (Ap 1:5), Sua ressurreição (v. 18), Sua entronização (Ap 5), Seu ministério no santuário como Cordeiro sacrificado (Ap 5:6), Seu derramamento de sangue no altar (Ap 12:11) e Sua atuação como Sumo Sacerdote (Ap 15:80). Finalmente, o livro aponta para Seu glorioso retorno (Ap 1:7; 22:7, 12, 20). Diante de tudo isso, não há dúvidas de que nossa abordagem precisa apelar para aquilo que Ele é e faz, segundo as lentes desse livro tão atual e relevante.

Acredito que há muita gente à procura de sentido para a vida e Cristo é a resposta para esses corações angustiados. Por isso, em nossas exposições, não transformemos o livro de Apocalipse em uma aula de história ou em explicações sem fim de gráficos e diagramas proféticos. Que a nota tônica seja aquilo que Ellen White afirmou: “Deixemos que Daniel fale; que fale o Apocalipse e digam a verdade. Mas seja qual for o aspecto do assunto apresentado, elevam a Jesus como o centro de toda a esperança, a Raiz e a Geração de Davi, a resplandecente Estrela da Manhã” (*Testemunhos Para Ministros e Obreiros Evangélicos*, p. 118). ■



PAZ EM ISRAEL

Temos acompanhado as notícias do Oriente Médio e dos ataques entre israelenses e palestinos. Em meio a tanto sofrimento, morte e ameaça à vida, nossos pastores enfrentam os perigos da guerra para pastorear suas igrejas e comunidades. Essa é uma realidade que conhecemos pouco na América do Sul, mas que tem se tornado um desafio crescente para muitos pastores ao redor do globo.

Nesta entrevista, Daniel Stojanovic fala dos desafios e das oportunidades que a igreja tem enfrentado em meio aos ataques entre Israel e Palestina. Natural da Sérvia, ele estudou na França, especializando-se em Antigo Testamento. Atuou por 13 anos como pastor na Conferência Norte Francesa, trabalhando depois na Áustria e nos Estados Unidos. Em 2007, atuou como presidente da Conferência do Quebec, no Canadá, e quatro anos depois como secretário executivo da União Canadense. Desde 2019 tem servido como presidente do Campo de Israel. Casado com Slavi, eles têm dois filhos: Sonja e David.

Conte-nos um pouco sobre o território em que você trabalha e como a igreja se estabeleceu ali.

Nos anos de 1890, os primeiros adventistas vieram da Europa e começaram a levar a mensagem eterna de paz a uma população muito diversificada. Esse passo importante permitiu que fôssemos reconhecidos como uma organização religiosa pelo Império Otomano, pelo Mandato Britânico e, posteriormente, pelo governo de Israel. Desde então, estamos crescendo e temos atualmente cerca de 830 membros que se reúnem em 21 locais diferentes. No Campo de Israel, temos oito idiomas oficiais: hebraico, inglês, russo, espanhol, romeno, árabe, amárico e akan. Nossa prioridade tem sido compartilhar o evangelho da paz com os israelenses nativos, que falam hebraico, e a população de fala árabe. Não devemos esquecer que a população de Israel é de cerca de 9,7 milhões, com 76% de judeus, 18% de muçulmanos e apenas 2% de cristãos. Portanto, nossa tarefa é imensa.

Quais são as peculiaridades de trabalhar como pastor em Israel?

Totalizamos nove pastores, incluindo eu. Cada congregação é específica, com grandes diferenças sociais e culturais. Assim, precisamos ser extremamente flexíveis e saber abordar pessoas de diferentes origens culturais e religiosas. Os cristãos sabem muito pouco sobre as antigas tradições praticadas em Israel. Tudo é diferente: idioma, comida, roupas, a maneira de se dirigir a



uma pessoa em lugares públicos e o estilo de vida em geral. Apesar de nossas melhores intenções, nosso comportamento pode ser mal-interpretado. Darei apenas um exemplo. Certa vez, enquanto eu estudava o hebraico moderno, meu professor me perguntou: “Como você passou o fim de semana?” Com meu modesto hebraico, tentei explicar que tinha viajado de Jerusalém para Haifa sábado de manhã e que ficara surpreso ao ver a estrada vazia. Isso me alegrou, e relatei ao professor que dirigi naquele dia

Nossa prioridade tem sido compartilhar o evangelho da paz com os israelenses nativos, que falam hebraico, e a população de fala árabe.

cantando, orando e louvando a Deus. Meu professor me respondeu de forma ríspida: “É óbvio que as estradas em Israel ficam vazias nas manhãs de sábado. Nesse dia, apenas os pagãos dirigem.” Com o tempo, vamos aprendendo como agir e falar.

Outro problema que enfrentamos é que o proselitismo é proibido por lei em Israel. Os adventistas do sétimo dia são respeitados e desfrutam um relacionamento privilegiado com os líderes das comunidades judaicas. Condenamos qualquer abordagem antiética de tentar forçar alguém a mudar sua filiação religiosa. Mas com humildade e respeito, compartilhamos com outros a alegria de conhecer a mensagem eterna de paz, presente em todas as páginas da Bíblia. Estamos sempre construindo pontes e tentando elevar as pessoas, comunicando a esperança da iminente vinda do Messias.

Quais são os desafios que a igreja enfrenta nesse território?

O aspecto mais difícil é lidar com preconceitos. Aqui, as pessoas identificam instantaneamente quem pertence a seu grupo e evitam se relacionar com o diferente. Muitos adventistas acham que é fácil nos integrarmos à sociedade de Israel por causa de nossa observância do sábado. Isso é um equívoco. A maioria da população crê que os cristãos guardam o domingo e que, caso queiram se tornar guardadores do sábado, deverão primeiro se tornar judeus. Para eles, o sábado é um sinal exclusivo entre Deus e o povo judeu (Ez 20:20), e não entendem que acreditar em Yeshua HaMashiah (Jesus Cristo) produzirá uma continuidade maravilhosa entre antiga e nova aliança, mantendo a obrigatoriedade da guarda do *shabbat* como um dia santo.

Como estão nossos pastores e seus familiares em meio aos ataques entre Israel e o Hamas?

Eles têm sido preservados pela graça de Deus e estão priorizando os ministérios

Nossos pastores e suas famílias têm sido preservados pela graça de Deus. Eles estão priorizando os ministérios da compaixão, saúde e oração.

da compaixão, saúde e oração. Isso é o que a população local mais precisa no momento. Choramos com aqueles que choram e ouvimos seus medos e queixas. Quando surge um conflito militar, todas as atividades desnecessárias e superficiais desaparecem. Assim, temos 21 locais de onde atendemos os necessitados. Nossos pastores são verdadeiros heróis. Seus dias são longos e suas noites curtas. Mas, pela graça de Deus, eles irradiam esperança e cura por onde quer que vão. Estou convicto de que estão fazendo um trabalho maravilhoso. Para conhecimento dos leitores, 30 pessoas nos primeiros seis meses de 2023 selaram sua aliança com Deus por meio do batismo nas águas do rio Jordão.

Para ambos os lados do conflito, a terra de Israel desempenha um papel significativo em sua escatologia. Os adventistas do sétimo dia também devem se preocupar com o que está acontecendo em Israel?

Compreendemos as questões do conflito no Oriente Médio, mas vemos essa realidade de maneira diferente. Não atribuímos importância ao Monte do Templo em Jerusalém como alguns grupos religiosos insistem publicamente. Para nós, Yeshua HaMashiah concluiu tudo o que tinha a fazer durante Sua primeira vinda. Quando voltar, Ele não reinará nesta Jerusalém, marcada pelo sofrimento, pela doença e pelas guerras. Claro, concordamos com a importância de dar uma terra ao povo de Israel e tratar todos os palestinos com respeito e dignidade. No entanto, “esperamos novos céus e nova terra, nos quais habita a justiça” (2Pe 3:13).

Esse conflito permitiu que a igreja alcançasse pessoas que anteriormente não tinham interesse na mensagem do evangelho?

Sim, temos tido várias oportunidades de entrar em contato com pessoas que nunca ouviram falar da mensagem eterna de paz. Por exemplo, há alguns sábados, certos desbravadores na área de Tel Aviv se recusaram ficar apenas observando o sofrimento e a crescente tensão por toda parte. Assim, decidiram visitar crianças que fugiram com seus pais como refugiados ao sul de Israel, fugindo dos mísseis e dos terroristas. À princípio, os desbravadores não sabiam se os refugiados aceitariam interagir com eles, mas Deus abriu as portas. Um representante da prefeitura tirou fotos das reuniões e as divulgou. Em pouco tempo, um número crescente de crianças e pais refugiados estava interagindo com os desbravadores. A atitude deles chamou tanto a atenção que dois jornalistas divulgaram o trabalho na imprensa internacional, exaltando a qualidade das reuniões e a adequação do conteúdo, adaptado para aquele momento de crise. Resultados como esse nos motivam a permanecer perto daqueles que precisam de ajuda, para a glória do nome de Deus. ■



A ARQUITETURA DO APOCALIPSE

Como entender a
macroestrutura literária
do último livro da Bíblia

O Apocalipse é um livro profético, complexo, profundo, enigmático, revelador, maravilhoso e único, para usar sete adjetivos. Ele descreve o conflito cósmico entre o bem e o mal, com cenas que ocorrem no Céu e na Terra e têm reverberações eternas. É difícil o leitor não ficar impressionado com o horizonte visionário do livro e seus recursos literários, incluindo sons, vozes, imagens, fenômenos naturais e sinais. Trata-se de um universo habitado por anjos, pessoas e seres fantásticos, num cenário pontuado por símbolos. Felizmente, entre o bem e o mal, a luz e as trevas, a vida e a morte, claramente a vida, a luz e o bem prevalecem. O Cordeiro vence, o dragão perde. O trono divino subverte o trono satânico. A ordem, a justiça e a felicidade voltam ao planeta.

Gênero literário

Principal representante da literatura apocalíptica, o Apocalipse apresenta algumas das principais características desse gênero literário: contrastes marcantes, abrangência cósmica, ênfase escatológica, origem em tempos de angústia e perplexidade, visões e sonhos, uso extenso de simbolismo, emprego de símbolos híbridos (sem paralelos na natureza), oposição macrocósmica ética entre o bem e o mal, segmentação da história em

períodos, conflito entre as forças da luz e das trevas, tempo de tribulação, ênfase transcendente no mundo invisível, mediação de seres celestes, expectativa da intervenção divina, julgamento das forças do mal, insatisfação com o presente e foco no futuro, expectativa do fim e da chegada do mundo ideal.¹

A palavra “apocalíptica” (na verdade, o termo em alemão *apokalyptik*) ingressou no vocabulário acadêmico em 1832 por meio de Gottfried Christian Friedrich Lücke (1791-1854).² O gênero apocalíptico está relacionado à escatologia, mas os dois conceitos não são sinônimos. Todos os textos apocalípticos pertencem à categoria da escatologia, mas nem toda literatura escatológica é apocalíptica. De igual modo, se os textos apocalípticos da Bíblia são proféticos, nem todos os textos proféticos são apocalípticos. Enquanto a profecia clássica é basicamente condicional, já que depende da resposta humana, a profecia apocalíptica tem um caráter de incondicionalidade, pois reflete a visão divina das coisas que devem acontecer.

Estreitando mais o foco, o Apocalipse é uma mensagem apocalíptica (1:1), uma profecia (v. 3) ou uma carta (v. 4)? “Talvez o melhor que se possa concluir é que o Apocalipse é um texto apocalíptico, escrito por um profeta cristão, enviado como uma quase carta às igrejas da Ásia Menor”, afirmou Mitchell G. Reddish.³ Na verdade, o Apocalipse é um gênero híbrido: o conteúdo é profético (uma revelação divina), a moldura é epistolar (uma carta singular enviada pelo próprio Cristo glorificado) e o teor é apocalíptico (pelo alcance cósmico e o senso de urgência).

Até pela época da escrita, o Apocalipse é o clímax da profecia. No livro, os profetas bíblicos se encontram e dialogam sobre a situação do povo de Deus, o conflito entre o bem e o mal, o julgamento que está por vir e os esplendores na nova Terra, embora alguns profetas falem mais. João emprega centenas de alusões ao Antigo Testamento, em especial Isaías, Ezequiel e Daniel.⁴ O repertório joanino é basicamente bíblico e judaico; os eventuais elementos do mundo mediterrâneo são secundários ou redefinidos pela lente da cosmovisão bíblica.

A intertextualidade faz parte da tessitura do livro. Porém, não chega ao ponto de sobrepujar a própria revelação que João recebeu. Os profetas antigos são evocados não para recontar o passado, mas para simbolizar e retratar o futuro. Caso contrário, o livro não seria a “revelação de Jesus Cristo” dada a João, que registrou “tudo o que viu” (Ap 1:1, 2). Isso indica que a estrutura do Apocalipse depende mais do fluxo das visões dadas a João do que da sua elaboração intertextual. A revelação está acima da intertextualidade, o conteúdo sobrepuja a forma, a teologia prevalece sobre o padrão.

Ao longo do livro, o autor cita vários personagens, eventos, topografia e números reais, mas prefere usá-los como símbolos. Ele comunica a teologia por meio de metáforas. Mesmo elementos literais, como a nova Terra, são descritos com toques poéticos e simbólicos. Sob a superfície, há profundas camadas de significados. E João caracteriza seus personagens muito bem, usando as técnicas de “mostrar” (apresentação indireta) e “contar” (apresentação direta).⁵

Uma vez que o profeta presume que seu público-alvo entenderia as imagens, os códigos e o contexto do livro, ele não explica tudo, até para proteger os cristãos. No mundo apocalíptico, pessoas e coisas às vezes são mais ideias e conceitos do que pessoas e coisas propriamente ditas.

Como parte do simbolismo, o profeta usa diversos números figurados. Para o povo do antigo Oriente, os números, mais do que quantidades, podiam simbolizar qualidades. Assim, em vez de aleatórias, as fórmulas matemáticas tinham

lógica e eram capazes de expressar conceitos. No Apocalipse, 3 é símbolo de união, 4 simboliza universalidade, 6 representa uma iniciativa humana e inconclusividade, 7 é o número da perfeição ou de descanso após o fim de um projeto, 10 é símbolo de completude e 12 corresponde ao povo ou reino de Deus. Não é por acidente que João menciona 30 vezes o número 7, de longe o algarismo mais usado.⁶

Apocalipse também apresenta contrastes entre agentes, entidades, personagens e coisas que representam o lado do bem e campo do mal no conflito cósmico na forma de paródia, definida por Joe E. Lunceford como “o uso de um termo na arena do mal que parece imitar um termo semelhante na arena do bem”.⁷ São mais de 15 categorias ou “contra imagens”, que incluem a trindade santa e a profana (1:4-5a; 5:4-7; 12:3; 13:1-4, 11-12, 15), bem como o selo de Deus e a marca da besta (7:2-3; 9:4; 13:16-17; 16:2).

Além disso, o Apocalipse usa “interlúdios”, estratégia que Jon Paulien chama de “princípio da duodirecionalidade”,⁸ uma ferramenta para conectar duas temáticas do texto e facilitar (ou, às vezes, complicar) a transição. Estratégias literárias semelhantes ao entrelaçamento de anexos, esses “apêndices” servem para explicar, justificar ou unir narrativas, além de expandir temas, visões ou ciclos. Essa função tática funciona como uma janela para o fluxo de pensamento do autor.

A gramática singular do Apocalipse e suas irregularidades,⁹ eventualmente porque o autor pensava em hebraico e escrevia em grego,¹⁰ talvez como marca autoral de suas alusões à Bíblia Hebraica,¹¹ possivelmente como reflexo de suas visões, quem sabe por não poder contar com a ajuda de um editor, entre outros motivos, deixam os estudiosos perplexos. Mas quase todos admiram a arte do livro.

Por mais desafiador que seja, o Apocalipse é um livro aberto e pode ser entendido, pois é uma revelação. Porém, não é fácil decifrar a estrutura literária dessa obra-prima. A questão não é estabelecer as unidades, mas determinar a conexão entre elas. A estrutura tem que ver com a maneira pela qual o livro é organizado, ou seja, a relação das partes com o todo. Por isso, há inúmeras leituras do texto.

Neste artigo, que inaugurará uma série de seis temas sobre o Apocalipse, exploraremos a questão da macroestrutura do livro. A compreensão da arquitetura literária é importante porque interfere na interpretação teológica. Das quatro abordagens interpretativas principais (preterista, historicista, idealista e futurista), entre outras possíveis, a escolha de qualquer uma delas tem reflexos na visão da organização literária. Contudo, a estrutura deveria derivar do próprio livro.

Estrutura intencional

Para começar, será que João escreveu o Apocalipse sem uma preocupação literária ou há sinais de estruturação intencional? E, se houver uma estrutura, ela seria visionária (seguindo a ordem das visões), cronológica (conforme o ritmo da história), temática (controlada por um tema central e agrupada por tópicos afins), dramática (o uso de cenas, ações e diálogos para criar emoções), recapitulativa (tópicos revisitados para explicação e/ou ampliação), aritmética (padrões de sete, por exemplo), litúrgica (baseada nos ciclos do santuário) ou quiástica (um paralelismo invertido em forma de X, com destaque no centro)?

Há evidências internas de que o autor pensou numa estrutura, a começar pelo prólogo e o epílogo, que têm paralelos evidentes (veja o quadro 1), além dos interlúdios e da progressão cronológica dos eventos descritos, até culminar com a volta de Jesus e a nova Terra. Os paralelos entre as promessas aos vencedores (nas sete igrejas) e o cumprimento no fim do livro também indica organização literária (quadro 2) e reforçam o uso de quiasmo na macroestrutura.

Quadro 1: Paralelos linguísticos entre o início e o fim do Apocalipse:

Apocalipse 1	Marcadores	Apocalipse 22
1:1	Anjo enviado	22:6
1:1	Acontecerá em breve	22:6
1:1	Servos	22:6
1:3	Bênção para o leitor	22:7
1:3	O tempo está próximo	22:10
1:4, 5	Graça a vocês/todos	22:21
1:7	Volta de Jesus	22:12
1:8	O Alfa e o Ômega	22:13

Quadro 2: Conexões linguísticas entre as promessas escatológicas às igrejas de sete cidades e o cumprimento no contexto do templo de Deus na Cidade Santa:

Igreja	Temas / marcadores	Promessa	Cumprimento
Éfeso	Árvore da vida	2:7	22:2, 14, 19
Esmirna	Coroa da vida, proteção da segunda morte	2:10, 11	21:6-8; 22:5
Pérgamo	Maná, pedra branca, novo nome	2:17	22:4
Tiatira	Autoridade sobre as nações, estrela da manhã	2:26-28	20:4; 22:16
Sardes	Vestis brancas, nome no livro da vida	3:5	[19:14]; 21:27
Filadélfia	Coluna no templo, gravação de três nomes	3:12	21:22; 22:4
Laodiceia	Comer com Cristo, assentar-se com Ele no trono (reinar)	3:20, 21	[19:9]; 22:5

Entretanto, qual é o objetivo do autor ao elaborar uma estrutura tão complexa? Para David Aune, “os apocalipses medeiam uma nova atualização da experiência revelatória original por meio de artifícios literários, estruturas e imagens que funcionam para ‘ocultar’ a mensagem que o texto supostamente ‘revela’; “de modo que a audiência possa ter a experiência de decodificar ou decifrar a mensagem”.¹² A revelação do conteúdo se dá no ocultamento originado pelos símbolos, criando uma beleza que é mais plenamente discernida pelos que ousam adentrar o labirinto da profecia e contemplam de perto a iconografia da obra. Os que leem o Apocalipse recebem uma revelação e se tornam bem-aventurados.

O tema central do Apocalipse poderia ajudar a descobrir a estrutura do livro. Porém, não é tão simples estabelecê-lo. Seria o trono de Deus, ou a vitória do Cordeiro, ou a derrota do dragão, ou a perseguição da igreja, ou o julgamento, ou a volta de Jesus, ou a teodiceia, ou o conflito cósmico? Pelo menos o propósito está bem claro no início do livro: revelação de Jesus Cristo para mostrar o que em breve vai acontecer (Ap 1:1).

Todos os temas mencionados têm um papel essencial no livro. Mas, se fosse para destacar um aspecto que parece controlar a narrativa, um bom candidato seria a guerra cósmica.¹³ O drama das visões de combate entre 11:19 e 15:5 é “o clímax no qual os personagens-chave (Deus, Satanás, os anjos e a humanidade) se encontram em forte ritmo de ação” e deve ser visto como o “foco central do livro”.¹⁴

O Apocalipse apresenta padrões repetitivos (ou de recapitulação), fenômeno já observado por Vitorino de Pettau (c. 250-304) no terceiro século.¹⁵ É como se o profeta usasse uma câmera para revelar ângulos diferentes. Porém, essa recapitulação não deve ser entendida à luz das sequências

recapitulativas de Daniel. Ao passo que em Daniel as mesmas entidades são representadas por símbolos diferentes (metais, animais, chifres, reinos), em Apocalipse não ocorrem essas recapitulações de sequências inteiras de entidades.

Em busca da macroestrutura

O leitor que desejar se aprofundar na macroestrutura do Apocalipse tem uma infinidade de fontes para exercitar os neurônios. Entre os estudiosos que tratam do tema, temos os inovadores, que deram contribuições originais para a área; os aperfeiçoadores, que realizaram adaptações de propostas anteriores; e os sistematizadores, que fizeram análises e classificações dos estudos de outros.

No campo das sistematizações, vale a pena mencionar três estudos por sua abrangência e suas qualidades. Em sua tese de 1982, Wayne R. Kempson classificou os estudos sobre a macroestrutura do Apocalipse em abordagens *externas* e *internas* em relação ao texto, além de apresentar subdivisões menores (11 no total).¹⁶ Apesar de não incluir os últimos estudos, é uma boa fonte.

Em sua pesquisa enciclopédica, o autor tcheco Roman Mach aplicou os conceitos da teoria do texto “aberto” de Umberto Eco¹⁷ à macroestrutura do Apocalipse. Segundo Mach, o último livro do cânon bíblico tem uma “abertura” que possibilita muitas leituras, respeitando os limites impostos pelo próprio texto. Para o autor, os sinais estruturais na obra de João são agrupados em subseções específicas, criando um arranjo literário aberto.¹⁸

No meio adventista, um dos estudos mais completos e atuais é a dissertação de mestrado de Alberto Tasso, defendida na Universidad Peruana Unión e lançada em 2021 em formato de livro.¹⁹ Tasso não investiu na criação de sua própria macroestrutura, mas fez uma ótima análise das fontes. No adventismo, diz ele, “há praticamente consenso de que as visões de João seguem uma sequência de recapitulação, retomando temas paralelos com ampliação, e não uma pura progressão cronológica”; e a linha de pensamento é um pouco mais homogênea, pois “os eruditos adventistas mais relevantes construíram suas ideias de análise literária um sobre o outro”.²⁰

Diante da enorme multiplicidade de propostas, não há consenso sobre a macroestrutura do Apocalipse. Adela Y. Collins reconheceu em sua tese de 1976: “Há quase tantos esboços do livro quanto existem intérpretes. A raiz do problema é a presença de numerosas passagens paralelas e repetições no livro.”²¹

A própria Adela, seguindo Austin Farrer,²² propôs uma estrutura septenária (com padrão de sete) que ainda

tem adeptos.²³ E Christopher Smith usou a expressão “no espírito” (*en pneumatí*), que ocorre quatro vezes no Apocalipse (1:10; 4:2; 17:3; 21:10), e a interação com anjos no fim das seções principais como marcadores estruturais.²⁴ Já Elisabeth Schüssler Fiorenza visualizou uma estrutura quiástica:²⁵

- A** Prólogo (1:1-8)
- B** Visão inaugural e septeto de cartas às igrejas (1:9-3:22)
- C** Visão do rolo de sete selos (4:1-9:21; 11:15-19)
- D** Pequeno rolo profético (10:1-15:4)
- C'** Visão do rolo de sete selos, continuação (15:1,5-19:10)
- B'** Visões de julgamento e salvação (19:11-22:9)
- A'** Epílogo (22:10-22:21)

Essa estrutura é simples, mas não corresponde totalmente ao texto. O julgamento, por exemplo, não começa em 19:11, mas antes. Além disso, não há marcadores textuais para justificar algumas escolhas da autora, e a estrutura do quiasmo não se ajusta bem.

Aqui vale mencionar que Nils Wilhelm Lund foi pioneiro no uso do quiasmo como fator estruturador do Apocalipse.²⁶ A palavra “quiasmo” vem da letra grega *chi*, escrita como um X, uma espécie de paralelismo invertido (por exemplo, “que abre, e ninguém fechará, e que fecha, e ninguém abrirá” [Ap 3:7]). Ao que consta, esse arranjo literário fazia parte da estrutura do pensamento hebraico e de outros povos antigos,²⁷ talvez como recurso mnemônico numa cultura oral. Portanto, apesar dos abusos dos que veem quiasmo em tudo, esse dispositivo parece legítimo. Porém, o texto deve estar sempre acima do padrão.²⁸

Entre os eruditos adventistas que estudaram a macroestrutura do Apocalipse, um dos mais citados e respeitados é Kenneth Strand, que foi professor na Universidade Andrews. Strand propôs uma divisão do livro em duas partes, que compreendem um bloco histórico (1:12-14:20) e outro escatológico (15:1-22:5), com subseções correspondentes. Ele defendeu uma estrutura quiástica com base em oito visões, cada uma começando com uma “cena vitoriosa introdutória”, e destacando seis interlúdios. As cenas ocorrem no contexto do santuário e servem de introdução às visões (cena 1, Ap 1:10b-20; cena 2, Ap 4:1-5:14; cena 3, Ap 8:2-6; cena 4, Ap 11:19; cena 5, Ap 15:1-16:1; cena 6, Ap 16:18-17:3a, com 16:17 como pano de fundo; cena 7, Ap 19:1-10; cena 8, Ap 21:5-11a). Aperfeiçoando sua análise ao longo do tempo, ele usou também os motivos do êxodo e da queda de Babilônia nas visões 3-6.²⁹



Podemos ter certeza de que o Espírito Santo inspirou o autor a escrever uma obra-prima para intrigar, desafiar, orientar e abençoar os que estudam essa profecia.



Os estudos de Strand têm muitos méritos e podem servir de base para aprofundamentos. A ideia de incorporar as cenas do santuário às divisões da macroestrutura, em sintonia com os lugares e serviços do santuário, confere solidez ao sistema e, na avaliação de Richard Davidson, talvez tenha sido “o *insight* mais significativo” nos estudos recentes.³⁰

Valorizando o motivo do santuário, Jacques Doukhan destacou que o “Apocalipse deve ser lido como liturgia” e sugeriu uma estrutura em sete ciclos proféticos que seguem o padrão das festas judaicas, na qual cada ciclo inicia com uma visão que retorna ao templo e dá destaque aos dias santos mais importantes do calendário. O livro, explica ele, pode ser representado pela menorá

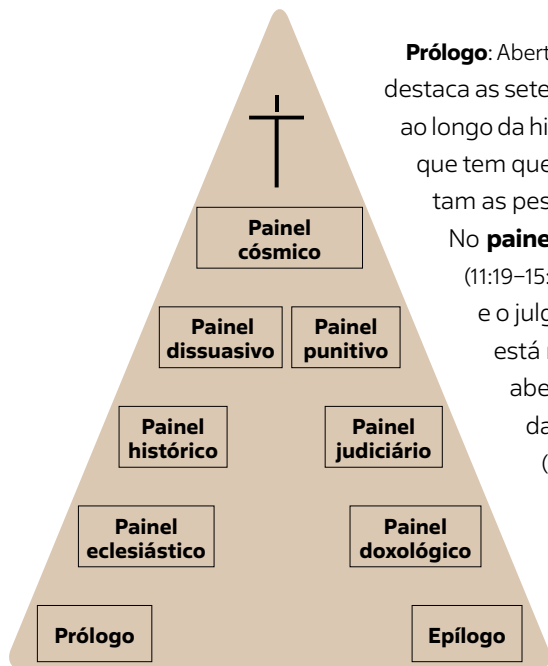
ou candelabro de sete braços, cada braço representando um festival judaico. Esse esquema englobaria três momentos/lugares: fase terrestre (Ap 1:1–11:18), fase final (Ap 11:19–14:20), fase celestial (Ap 15:1–22:21).³¹

A macroestrutura de Strand é elogiável; porém, não é perfeita. Por exemplo, embora o Apocalipse realmente possa ser segmentado em duas metades, dividir o livro em uma parte histórica e outra escatológica parece não ser a melhor solução. Afinal, o evento Cristo já inaugurou a era escatológica ou os “últimos dias” (At 2:17; Hb 1:2; 1Pe 1:20; 2Pe 3:3). Além disso, a primeira parte do livro contém elementos escatológicos, como os 144 mil (Ap 7). Os ciclos localizados na primeira metade (selos e trombetas) se estendem até o fim (ou próximo dele), e não somente o ciclo que está na segunda metade (taças). As sequências “escatológicas” também são “históricas”. Em parte, o problema poderia ser resolvido ao se mudar a nomenclatura.

Por outro lado, as oito visões podem ser ajustadas mais eficazmente para sete, como fez Jon Paulien ao eliminar a cena/visão 6 do esquema de Strand (Ap 16:18–18:24, onde aparece uma voz vinda do templo, mas não uma cena do santuário).³² Esse ajuste permite um foco mais definido no centro do quiasmo. Ainda assim, o bloco sobre a meretriz, a besta escarlata e a queda de Babilônia não fica bem ajustado nesse esquema. Na verdade, não há consenso sobre o número de visões. Recentemente, um autor defendeu a existência de 12!³³

Outros autores, como C. Mervyn Maxwell, Jon Paulien, Richard Davidson e Ranko Stefanovic, trabalharam a partir da proposta de Strand.³⁴ Mas não temos espaço aqui para analisá-los. Vou mencionar apenas mais um caso. Inspirando-se no modelo de Strand, Norman R. Gulley apresentou uma abordagem ligeiramente diferente: (1) uma seção histórica (cap. 1–11), que corresponde ao ministério de Cristo no lugar santo (primeiro compartimento do santuário celestial) e (2) uma seção escatológica (cap.13–22), que corresponde ao ministério de Cristo no lugar santíssimo (segundo compartimento do ministério celestial), com (3) um vértice que conecta as duas seções (cap.12). Ele explica: “Se enxergarmos o livro no formato de um triângulo, com o lado esquerdo histórico e o direito escatológico, ambos se encontram no vértice do capítulo 12, com uma cruz posicionada no topo do vértice. A cruz é o sustentáculo para o qual se voltam tanto a divisão histórica quanto a escatológica.”³⁵ Trata-se de uma sugestão interessante, sobretudo ao se levar em conta que 12:11 evoca o evento cósmico do Calvário, e 12:7, o meio aproximado do livro, concentra-se na vitória cósmica dos exércitos celestiais sobre as hostes rebeldes. Apesar do problema da nomenclatura, essa macroestrutura é bem sólida.

Usando outro esquema gráfico, o Apocalipse pode também ser visto como uma série de sete painéis interligados, pois o livro tem múltiplos níveis de significado.³⁶ Os anexos/interlúdios seriam “janelas” dentro dos painéis, ampliando a perspectiva. Essa estrutura literária também poderia ser representada no formato de menorá ou de um templo com sete colunas, com o centro do quiasmo no alto. Ou, se pensarmos no Apocalipse como uma viagem escatológica pelo tempo, poderíamos usar a ilustração de sete panoramas ou horizontes na paisagem revelada ao profeta. Se quiséssemos enriquecer ainda mais o esquema, poderíamos dizer que os eventos do lado esquerdo representam cenas associadas ao Lugar Santo, enquanto os eventos do lado direito simbolizam cenas ligadas ao Santíssimo. A macroestrutura a seguir não é definitiva, mas tem simetria e solidez textual.



Prólogo: Abertura do livro num formato epistolar singular (1:1-8). No **painel eclesiástico**, João destaca as sete igrejas, que representam o povo militante de Deus em todos os lugares e ao longo da história (1:9-3:22). No **painel histórico**, a ênfase está na abertura dos selos, o que tem que ver com o destino (4:1-8:1). No **painel dissuasivo**, as trombetas admoestam as pessoas, na tentativa de mudar a atitude delas em relação a Deus (8:2-11:18).

No **painel cósmico** (central), o autor revela os fatos principais da guerra cósmica (11:19-15:4). No **painel punitivo**, as sete pragas representam a punição dos ímpios e o julgamento da Babilônia espiritual (15:5-18:24). No **painel judiciário**, a ênfase está na revisão da história durante o milênio, quando os livros celestiais serão abertos (19:1-20:15). No **painel doxológico**, João destaca os remidos no templo da nova Terra, que representam o povo triunfante de Deus de todas as eras (21:1-22:7). **Epílogo:** Conclusão do livro num formato epistolar singular (22:8-21).

Enfim, não há consenso sobre a macroestrutura do Apocalipse, e não é num curto artigo que vamos resolver o problema. Mas podemos ter certeza de que o Espírito Santo inspirou o autor a escrever uma obra-prima para intrigar, desafiar, orientar e abençoar os que estudam essa profecia, pois o tempo está próximo. ■

Referências

- 1 Kenneth A. Strand, "Princípios Fundamentais de Interpretação", em *Estudos Sobre Apocalipse: Temas Introdutórios*, ed. Frank B. Holbrook (Engenheiro Coelho, SP: Unaspres, 2021), p. 27-29.; Frederick J. Murphy, *Apocalypticism in the Bible and Its World: A Comprehensive Introduction* (Grand Rapids, MI: Baker Academic, 2012), p. 8-12.
- 2 Gottfried Lücke, *Versuch einer vollständigen Einleitung in die Offenbarung Johannis und die gesamte apokalyptische Literatur* (Bonn: Weber, 1832).
- 3 Mitchell G. Reddish, "The Genre of the Book of Revelation", em *The Oxford Handbook of the Book of Revelation*, ed. Craig R. Koester (Nova York: Oxford University Press, 2020), p. 33.
- 4 Cf. Gregory K. Beale, *The Use of Daniel in Jewish Apocalyptic Literature and in the Revelation of St. John* (Lanham, MD: University Press of America, 1984); Jean-Pierre Ruiz, *Ezequiel in the Apocalypse: The Transformation of Prophetic Language in Revelation 16, 17-19:10* (Frankfurt am Main: Peter Lang, 1989); e Jan Fekkes, *Isaiah and Prophetic Traditions in the Book of Revelation: Visionary Antecedents and their Development* (Sheffield: JSOT Press, 1994).
- 5 James S. Resseguie, "Narrative Features of the Book of Revelation", em Koester, *The Oxford Handbook of the Book of Revelation*, p. 38.
- 6 Ap 1:4, 11, 12, 16, 20; 2:1; 3:1; 4:5; 5:1, 5, 6; 6:1; 8:2, 6; 10:3, 4; 12:3; 13:1; 15:1, 6, 7, 8; 16:1; 17:1, 3, 7, 9, 10, 11; 21:9.
- 7 Joe E. Luncford, *Parody and Counterimaging in the Apocalypse* (Eugene, OR: Wipf & Stock, 2009), p. xi.
- 8 Jon Paulien, *The Deep Things of God: An Insider's Guide to the Book of Revelation* (Hagerstown, MD: Review and Herald, 2004), p. 115-119.
- 9 Sobre as peculiaridades linguísticas do Apocalipse, cf. David L. Mathewson, *Verbal Aspect in the Book of Revelation: The Function of Greek Verb Tenses in John's Apocalypse* (Leiden: Brill, 2010).
- 10 Robert H. Charles, *Studies in the Apocalypse* (Edinburgh: T. & T. Clark, 1912), p. 82.
- 11 Gregory K. Beale, *John's Use of the Old Testament in Revelation* (Sheffield: Academic Press, 1998), p. 318-355.
- 12 David E. Aune, "The Apocalypse of John and the Problem of Genre", *Semeia* 36 (1986), p. 89, 90.
- 13 Ostermos descrevendo "guerra" ou "batalha" (*polemon*, *polemos*) aparecem nove vezes no Apocalipse (9:7; 9:9; 11:7; 12:7; 12:17; 13:7; 16:14; 19:19; 20:8).
- 14 Külli Tõniste, *The Ending of the Canon: A Canonical and Intertextual Reading of Revelation* (Londres: Bloomsbury, 2016), p. 64, 65.
- 15 Victorine Poetovionensis, *Explanatio in Apocalypsin una cum Recensione Hieronymi*, ed. Roger Gryson (Turnhout: Brepols, 2017).
- 16 Wayne R. Kempson, "Theology in the Revelation of John as a Possible Key to Its Structure and Interpretation" (tese de doutorado, Southern Baptist Theological Seminary, 1982).
- 17 Cf. Umberto Eco, *The Open Work* (Cambridge, MA: Harvard University Press, 1989). Um texto "fechado" tem elementos fixos e estáveis dentro de um sistema conceitual, enquanto um texto "aberto" permite interpretações e reconfigurações.
- 18 Roman Mach, *The Elusive Macrostructure of the Apocalypse of John: The Complex Literary Arrangement of an Open Text* (Nova York: Peter Lang, 2015).
- 19 Alberto T. Barros, *La Macroestructura Del Apocalipsis de Juan: Exposición Histórica y Análisis Comparativo* (Lima: Ediciones Teologika, 2021).
- 20 Barros, *La Macroestructura Del Apocalipsis de Juan*, p. 200, 207.
- 21 Adela Y. Collins, *The Combat Myth in the Book of Revelation* (Missoula, MT: Scholars Press, 1976), p. 8.
- 22 Austin Farrer, *A Rebirth of Images: The Making of St John's Apocalypse* (Albany, NY: State University of New York Press, 1986), p. 45-48.
- 23 Collins, *The Combat Myth in the Book of Revelation*, p. 13-29.
- 24 Christopher R. Smith, "The Structure of the Book of Revelation in Light of Apocalyptic Literary Conventions", *Novum Testamentum* 36 (1994), p. 373-393, especialmente 392.
- 25 Elisabeth S. Fiorenza, *The Book of Revelation: Justice and Judgment* (Philadelphia, PA: Fortress Press, 1985), p. 175, 176.
- 26 Nils W. Lund, *Chiasmus in the New Testament: A Study in Formgeschichte* (Chapel Hill, TN: University of North Carolina Press, 1942), p. 324, 325.
- 27 Cf. John W. Welch, *Chiasmus in Antiquity: Structures, Analyses, Exegesis* (Hildesheim: Gerstenberg, 1981).
- 28 Cf. David A. deSilva, "X Marks the Spot? A Critique of the Use of Chiasmus in Macro-Structural Analyses of Revelation", *Journal for the Study of the New Testament* 30 (2008), p. 343-371.
- 29 Kenneth A. Strand, "As Oito Visões Básicas", em Holbrook, *Estudos Sobre Apocalipse*, p. 53-70; Strand, "Cenas da 'Introdução Vitoriosa'", em Holbrook, *Estudos Sobre Apocalipse*, p. 71-94.
- 30 Richard M. Davidson, "Tipologia do Santuário", em Holbrook, *Estudos Sobre Apocalipse*, p. 141.
- 31 Jacques B. Doukhan, *Segredos do Apocalipse: Uma Perspectiva Hebraica do Último Livro da Bíblia* (Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2023), p. 9-11. Cf. M. D. Goulder, "The Apocalypse as an Annual Cycle of Prophecies?", *New Testament Studies* 27 (1981), p. 342-367.
- 32 Jon Paulien, "Selos e Trombetas: Algumas Discussões Atuais", em Holbrook, *Estudos Sobre Apocalipse*, p. 225-227.
- 33 Michael Kuykendall, "The Twelve Visions of John: Another Attempt at Structuring the Book of Revelation", *Journal of the Evangelical Theological Society* 60 (2017), p. 533-555.
- 34 Cf. C. Mervyn Maxwell, *Uma Nova Era Segundo as Profecias do Apocalipse*, 3ª ed. (Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2014), p. 55-64; Davidson, "Tipologia do Santuário", p. 126, 152; Paulien, "Selos e Trombetas", p. 221, 237; Paulien, *The Deep Things of God*, p. 112-133; Jon Paulien, "The Role of the Hebrew Cultus, Sanctuary, and Temple in the Plot and Structure of Revelation", *Andrews University Seminary Studies* 33 (1995), p. 245-264; Ranko Stefanovic, "Finding Meaning in the Literary Pattern of Revelation", *Journal of the Adventist Theological Society* 13 (2002), p. 27-43.
- 35 Norman R. Gullett, *Systematic Theology: The Church and the Last Things* (Berrien Springs, MI: Andrews University Press, 2016), p. 24, 25.
- 36 Cf. Alan S. Bandy, "The Layers of the Apocalypse: An Integrative Approach to Revelation's Macrostructure", *Journal for the Study of the New Testament* 31 (2009), p. 469-499; e Felise Tavo, "The Structure of the Apocalypse: Re-Examining a Perennial Problem", *Novum Testamentum* 57 (2005), p. 47-68.



SEMANA SANTA 2024

Promoção válida de 1º de fevereiro a 29 de março



PRODUTOS ESPECIAIS
COM DESCONTOS
INCRÍVEIS!

MKT CPB | Adobe Stock

Promoção válida de 1º de fevereiro a 29 de março ou enquanto durar o estoque.



A ÚLTIMA VITÓRIA

O CAMINHO QUE LEVA À VITÓRIA,
DISPONÍVEL PARA TODAS AS IDADES!



LANÇAMENTO!

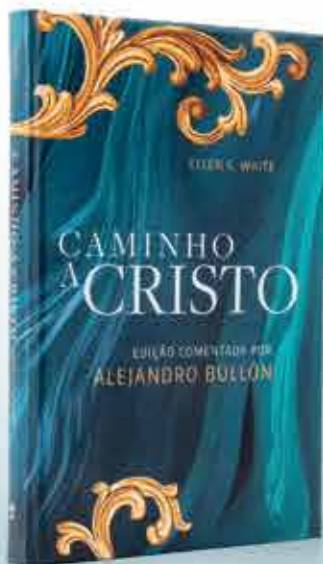
CAMINHO A CRISTO
edição comentada por
Alejandro Bullón

POR APENAS

R\$ 33,00

- Cód.: 21567
- Formato: 14 x 21
- Páginas: 144
- Acabamento: Encadernado

Ellen G. White



10%

CAMINHO A CRISTO
edição para colorir

de: R\$ 15,50 por:

R\$ 13,95

- Cód.: 20809
- Formato: 20,4 x 20,4
- Páginas: 32
- Acabamento: Grampeado

FAIXA ETÁRIA: 4 A 6 ANOS



"O Leão da tribo de Judá, a Raiz de Davi, **venceu.**" Apocalipse 5:5



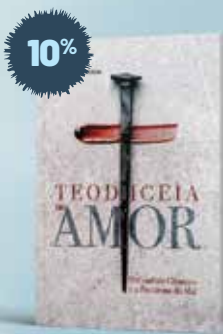
10%

CÓD. 16085
REVELAÇÃO DE JESUS CRISTO
 Ranko Stefanovic
 de: R\$ 145,00 por:
R\$ 130,50



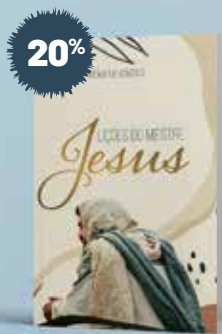
20%

CÓD. 16071
MESTRE SEM IGUAL
 Paulo G. Freitas
 de: R\$ 30,20 por:
R\$ 24,15



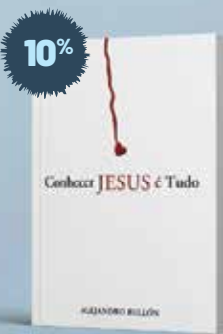
10%

CÓD. 19942
TEODICEIA DO AMOR
 John Peckham
 de: R\$ 60,70 por:
R\$ 54,65



20%

CÓD. 17823
LIÇÕES DO MESTRE JESUS
 Renato Gross
 de: R\$ 52,50 por:
R\$ 42,00



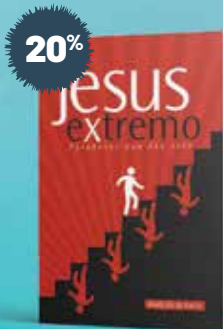
10%

CÓD. 5100
CONHECER JESUS É TUDO
 Alejandro Bullón
 de: R\$ 13,90 por:
R\$ 12,50



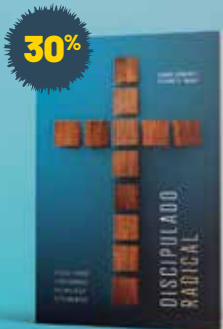
20%

CÓD. 5088
COMO JESUS TRATAVA AS PESSOAS
 Morris L. Venden
 de: R\$ 32,60 por:
R\$ 26,10



20%

CÓD. 11493
JESUS EXTREMO
 Marcos Blanco
 de: R\$ 27,30 por:
R\$ 21,85



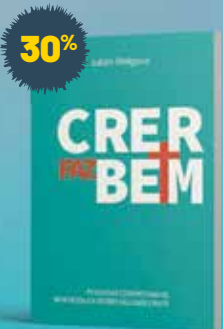
30%

CÓD. 16376
DISCIPULADO RADICAL
 Aivars Ozolins, Elizabeth Talbot
 de: R\$ 23,30 por:
R\$ 16,30



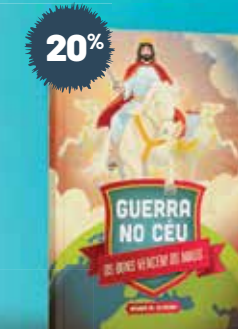
20%

CÓD. 8644
A PAIXÃO DE CRISTO
 Ellen G. White
 de: R\$ 30,50 por:
R\$ 24,40



30%

CÓD. 14620
CRER FAZ BEM
 Julián Melgosa
 de: R\$ 47,70 por:
R\$ 33,40



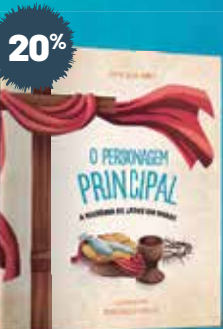
20%

CÓD. 14623
GUERRA NO CÉU
 Ariane M. Oliveira
 de: R\$ 29,90 por:
R\$ 23,20



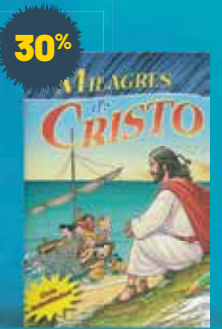
10%

CÓD. 16713
COM JESUS VOCÊ VENCE O MEDO
 Júlio Leal, Naiide Sacramento
 de: R\$ 15,00 por:
R\$ 13,50



20%

CÓD. 20105
O PERSONAGEM PRINCIPAL
 Anne Lizlie Hirle
 de: R\$ 23,10 por:
R\$ 18,50



30%

CÓD. 10415
MILAGRES DE CRISTO
 livro para colorir
 Casa Publicadora Brasileira
 de: R\$ 23,90 por:
R\$ 16,75



20%

CÓD. 12093
JESUS ME DIZ ASSIM
 Cristina Macena, Thiago Lobo
 de: R\$ 32,50 por:
R\$ 26,00



Accesse outros produtos da promoção através do QR CODE ao lado ou pelo nosso site **CPB.COM.BR**

Ligue grátis
0800-9790606

WhatsApp
 (15) **98100-5073**

Encontre a
CPB LIVRARIA
 mais próxima





CONHECIMENTO QUE TRANSFORMA

O Ser de Deus
e o ministério
pastoral

Na conhecida parábola dos talentos (Mt 25:14-30), há um detalhe que muitas vezes passa despercebido. São as palavras do terceiro servo, aquele que nada fez, quando chamado a prestar contas. O texto bíblico declara: “Chegando, por fim, o que tinha recebido um talento, disse: ‘Sabendo que o senhor é um homem severo, que colhe onde não plantou e ajunta onde não espalhou, fiquei com medo e escondi o seu talento na terra; aqui está o que é seu’” (Mt 25:24, 25). Esse servo não trabalhou e não produziu porque tinha uma ideia equivocada a respeito do seu patrão. Para ele, o senhor era severo, duro e desonesto. O patrão não era assim, mas ele pensava que fosse. Essa compreensão errada sobre o caráter do patrão o deixou temeroso, e o medo o paralisou, tornando-o inativo, amargurado e inútil. A lição para nós é que um pastor pode fazer pouco ou nada para Deus e Sua causa, se tiver uma visão distorcida de quem Ele é.

Quando examinamos as Escrituras é significativo perceber que alguns dos maiores servos de Deus foram aqueles que tiveram uma visão de Deus no início de seu ministério. Recordemos a experiência de alguns deles:

Moisés. Junto à sarça ardente, o Senhor Se revelou a ele como um Deus cheio de compaixão para com Seu povo. Um Deus que conhece o passado, o presente e o futuro e que é poderoso (Êx 3 e 4);

Isaiás. Não fazia muito tempo que Deus o havia chamado. Mas, naquele momento, o profeta estava vacilante, pensando em desistir de sua missão. A impiedade do povo era demais. Aflito, Isaiás foi ao templo. Ele não podia entrar, porque isso era permitido somente aos sacerdotes escalados. Porém, Isaiás chegou o mais perto que pôde e abriu seu coração a Deus. Então, repentinamente, em visão, ele já não mais se encontrava no pátio, diante do templo de Salomão, mas dentro do lugar santíssimo, no próprio santuário celestial. O que mais o impactou foi a santidade de Deus – algo que ele nunca mais esqueceu (Is 6).¹

Ezequiel. Esse jovem hebreu teve a mais extraordinária das visões bíblicas. Viu Deus, em Sua glória, locomovendo-Se em um carro-trono. O Senhor dominava os elementos da natureza, era servido por seres celestiais e mostrou-Se conhecedor da história de Seu povo (Ez 1 e 2).

Daniel. Em visões da noite, o profeta contemplou o que Nabucodonosor já havia visto parcialmente em sonho, e percebeu o perfeito domínio de Deus sobre os reinos da Terra, sobre o tempo e a eternidade (Dn 2).

Os discípulos de Cristo. Antes de serem enviados como apóstolos, permaneceram cerca de três anos com Jesus a fim de O conhecerem e aprenderem sobre Seu caráter e Seus ensinamentos.

Paulo. Junto à entrada de Damasco, ele teve uma visão do Cristo glorificado (At 9:1-6; 22:3-21; 26:9-18).



Essas narrativas bíblicas nos mostram que uma clara concepção do Ser de Deus era absolutamente necessária para que esses homens cumprissem sua missão. Não seria verdade o mesmo para nós hoje? Antes de correr de um lado para outro, antes de evangelizar, pregar, visitar, administrar, liderar e dirigir uma infinidade de programas, também precisamos conhecer Aquele a quem servimos.

Conhecendo a Deus

Quando alguém se propõe a conhecer a Deus, deve se dispor, primeiramente, a aceitar duas realidades. A primeira consiste nas limitações de tal estudo. Não vamos conhecer nem entender tudo sobre Deus. Por quê? Pelas seguintes razões:

Finitude do entendimento humano. O finito não pode compreender plenamente o infinito (Rm 11:33). Mesmo na eternidade não saberemos tudo sobre Deus. Sei que alguém poderia fazer uma objeção ao que acabo de afirmar, citando o texto de 1 Coríntios 13:12, que diz: “Porque agora vemos como num espelho, de forma obscura; depois veremos face a face. Agora meu conhecimento é incompleto; depois conhecerei como também sou conhecido.” Entretanto, essa passagem bíblica se refere a um conhecimento mais exato, livre de imperfeições, e não a um conhecimento total.

Falta de discernimento espiritual causada pelo pecado. Isso ficou evidente no último texto citado, que diz: “Porque, agora, vemos como em espelho, obscuramente.”

Silêncio da revelação. A Bíblia diz que “as coisas encobertas pertencem ao SENHOR, nosso Deus, porém as reveladas nos pertencem, a nós e aos nossos filhos” (Dt 29:29). Há coisas sobre as quais Deus nada revelou e outras em que a revelação é apenas parcial.

Conhecimento incompleto das Escrituras. Mesmo que alguém soubesse de cor toda a Bíblia, não conheceria toda a riqueza de seu significado. Embora possamos entender determinadas passagens bíblicas, não captamos tudo que nelas está envolvido.

Inadequação da língua. Algumas vezes, simplesmente faltavam palavras ao escritor sagrado para descrever com exatidão o que estava sendo mostrado por Deus e, nesses casos, foram usadas as expressões “como”, “semelhante” e “semelhança”, comparando o que o profeta via com algo que os leitores conheciam (Ez 1:5, 13, 16, 22, 24, 26-28; Ap 4:6; 15:2).

Além de aceitar as limitações que há no estudo sobre Deus, precisamos aceitar também a revelação que Deus fez de Si mesmo, oferecendo-a a nós como um dom. Paulo escreveu: “Pois o que se pode conhecer a respeito de Deus é manifesto entre eles, porque Deus lhes manifestou” (Rm 1:19). Embora nunca venhamos a saber e entender tudo sobre Deus, podemos crescer nessa compreensão e saber que, mesmo sendo parcial, esse conhecimento é verdadeiro, digno de confiança e muito benéfico.

Os atributos de Deus

A essência de Deus não pode ser conhecida, pois Ele nunca a revelou. Mas Seus atributos foram revelados. Eles são chamados de atributos porque os atribuímos a Deus como qualidades ou poderes fundamentais que Ele possui e cada um deles nos revela um aspecto do Seu Ser. Eles não são partes de Deus; antes, atributo é a essência total agindo de um modo específico – algo que fica mais evidente em uma determinada situação. Esses atributos estão em perfeita harmonia no Ser divino e são dependentes uns dos outros. A separação deles é apenas um recurso

didático com o propósito de discuti-los e entendê-los. Examinaremos a seguir alguns desses atributos divinos:

- Santidade. Quando a Bíblia se refere a Deus como sendo santo, a intenção é mostrar a relação que há entre Ele e alguém (ou algo), e pode indicar dois aspectos: a santidade majestosa e a santidade moral. Em primeiro lugar, Deus (trino) é santo porque é totalmente separado da criação no sentido de que somente Ele é Deus, Criador, Eterno e Infinito, enquanto tudo o mais teve começo, é criatura finita e não possui natureza divina. Em outras palavras, Deus é singular, distinto de tudo e de todos, exaltado em Sua natureza de infinita majestade (Êx 15:11; Is 57:15). Nesse aspecto, somente Ele pode ser santo (1Sm 2:2). Devido à santidade majestosa de Deus, precisamos, como Seus ministros, ser pessoalmente reverentes, ensinando e estimulando outros a fazer o mesmo. O entusiasmo e a alegria não devem nos levar à irreverência. Nossas orações não devem exigir algo, mas devem mostrar submissão e adoração a Deus, não tanto como filhos, mas como criaturas. Você quer que suas igrejas sejam mais reverentes? Então, pregue mais sobre Deus. Mostre e exalte os atributos divinos.

Mas há um aspecto secundário e ético – o de santidade moral –, que indica ser Deus absolutamente puro e bondoso, isento de qualquer deficiência moral ou de vestígio do mal, completamente separado do pecado (Jó 34:10; Hc 1:13). Isaías 6 é uma das passagens bíblicas que melhor ilustra a santidade de Deus. O texto mostra como a revelação da santidade majestosa levou o profeta ao reconhecimento da santidade moral de Deus e, ao mesmo tempo, de seu próprio pecado diante dela. Isso revela que o senso de depravação em uma pessoa é determinado pelo senso da santidade de Deus que ela possui.²

Tendo em vista a santidade moral, a Bíblia diz: “Como filhos obedientes, não vivam

“

Você quer
que suas
igrejas
sejam mais
reverentes?
Então,
pregue
mais sobre
Deus.
Mostre e
exalte os
atributos
divinos.

”

conforme as paixões que vocês tinham anteriormente, quando ainda estavam na ignorância. Pelo contrário, assim como é santo Aquele que os chamou, sejam santos vocês também em tudo o que fizerem, porque está escrito: ‘Sejam santos, porque Eu sou santo’” (1Pe 1:14-16). Assim, em meio a uma sociedade erotizada e promíscua, o ministro deve buscar pureza de vida e conduzir seu rebanho para que faça o mesmo.

- Amor. O apóstolo João escreveu que “Deus é amor” (1Jo 4:8, 16) e, porque esse atributo é muito rico em significado, as Escrituras utilizam diversas palavras para descrevê-lo, cada uma salientando algum aspecto ou faceta. Algumas delas são: bondade, misericórdia, graça e longanimidade.

Bondade. É a disposição favorável de Deus para com toda a Sua criação, incluindo aqueles que O amam e O obedecem (Sl 31:19; Ef 2:5-7) e também aqueles que não creem Nele nem O servem, os quais são beneficiados pelo Sol, pela chuva e por diversas iniciativas divinas que buscam trazê-los ao arrependimento, a fim de que não recebam a ira de Deus no dia de Seu justo juízo (Rm 2:4, 5). A Bíblia afirma que até os animais vivem por causa da bondade divina (Jó 38:41; Sl 145:15, 16; 147:7-9).

Misericórdia. É o amor de Deus demonstrado pelo miserável, aquele que está na miséria. É por causa de Sua misericórdia que podemos ser salvos (Ef 2:4, 5) e isso ocorre em perfeita harmonia com Sua justiça, sem que a lei seja afetada. Por causa de Sua misericórdia, Deus permite que haja um Substituto e Se oferece para ser esse Substituto – Aquele que recebe a condenação no lugar do pecador.

Graça. A religião da Bíblia possui uma grande ideia doutrinária que a diferencia de todas as demais religiões: a ideia da graça divina. Graça é o amor direcionado apenas a quem é pecador (Ef 2:8). Os anjos de Deus nunca receberam Sua graça, porque nunca precisaram dela.³

Graça é um sentimento de boa vontade para conosco, pecadores, mas é também um poder energizante que sai de Deus e entra em nós quando permitimos. Ela é capaz de nos transformar completamente, restaurando em nós a imagem de Deus.⁴

Longanimidade. Essa expressão transmite a ideia de longo ânimo, longa paciência. Todos nós conhecemos pessoas com o “pavio curto”, cuja tolerância é zero e que explodem facilmente. No entanto, Deus não é assim. Ele não tem “pavio curto”. Ele não se irrita facilmente. Ele não nos pune imediatamente quando pecamos (Êx 34:6), mas dá um tempo para que nos arrependamos e voltemos para Ele. Por causa da longanimidade, Deus adia o tempo em que vai tratar com o pecado de modo definitivo.

As Escrituras declaram que “o amor de Cristo nos impulsiona” (2Co 5:14, NVT). Essa compreensão do amor de Deus em suas várias modalidades deve impactar nosso ministério, conduzindo-nos a um melhor relacionamento com Ele. Como consequência, nós O amaremos mais, confiaremos mais Nele e teremos mais tempo para estar em Sua companhia. Isso também nos dará uma nova visão das pessoas ao nosso redor. Passaremos a vê-las não apenas como parentes, amigos, vizinhos, colegas ou clientes, mas como pecadores por quem Cristo morreu e a quem devemos comunicar o amor de Deus (v.18-20).

• Poder. Diversos textos bíblicos apresentam Deus como o Todo-poderoso (Gn 17:1; Jó 8:5; Ez 10:5; Ap 1:8; 16:14). Quando um ministro tem convicção de que isso é verdade, seu ministério é grandemente fortalecido. Em várias situações, o pastor percebe a necessidade de Deus manifestar Seu poder:

Lidar com alguém possesso. Nessa circunstância, o pastor terá paz porque sabe que a luta não é entre ele e Satanás, mas entre Deus Filho e um anjo, e sabe também que o poder de Cristo é infinitamente maior que o poder de todos os demônios juntos. Mesmo quando Lúcifer se encontrava em seu estado de pureza junto ao trono do Altíssimo, havia um abismo de diferença entre ele e o Filho de Deus. Um era criatura e o outro Criador. Não há como compará-los em tempo de existência, em sabedoria e em poder. Sabendo isso, o ministro realizará seu trabalho com a convicção de que a batalha já está ganha. Ele não temerá. Aliás, são os demônios que devem tremer na presença de um filho de Deus! Ellen White escreveu: “A mais frágil alma que permanece em Cristo é mais que suficiente para competir com as hostes das trevas”⁵ e “ao som da fervorosa oração, todo o exército de Satanás treme.”⁶ “E, quando os anjos poderosos,

revestidos com a armadura celestial, chegam em auxílio da fraca e perseguida pessoa, o inimigo e seus anjos recuam, sabendo muito bem que sua batalha está perdida.”⁷

Lidar com pessoas enfermas. Mesmo quando elas foram desenganadas pelos médicos, o ministro sabe que Deus é maior do que a doença e, se Ele quiser, o pior quadro poderá ser revertido. Deus tem a Seu dispor todos os recursos naturais e sobrenaturais, pois é Senhor de ambos, e pode curar alguém de forma milagrosa ou pode agir indiretamente, usando o médico e os remédios.

Lidar com dificuldades especiais. Podem ser relativas à saúde, à família, aos relacionamentos, às finanças, ao trabalho, ou outras quaisquer. Quando as dificuldades surgirem, o pastor deverá confiar no poder de Deus. Importa lembrar as palavras divinas: “Eis que EU SOU o SENHOR [...]. Será que existe algo demasiadamente difícil para Mim?” (Jr 32:27).

Conclusão

Após refletirmos sobre alguns atributos de Deus, faça este convite a cada pastor: Permita que a revelação que Deus faz a respeito de Si mesmo impacte sua vida e, por extensão, seu trabalho pastoral. Tenha mais tempo para estar com Ele. Busque se aprofundar no tema que aqui foi exposto com bastante brevidade.

Ao organizar e dirigir um culto, faça tudo com o objetivo de agradar a Deus. Adore-O na beleza de Sua santidade. Em um mundo de vidas tortas, busque ser puro e se esforce para que seu rebanho faça o mesmo. Medite frequentemente sobre o amor de Deus e peça a Ele que esse amor impregne seu coração e ministério.

Apegue-se hoje ao poder de Deus e permita que Ele o fortaleça. Cumpra seus deveres ministeriais com aquela coragem que advém da completa confiança Naquele que é Todo-poderoso. Viva e trabalhe de tal modo que, um dia, você também possa dizer como Paulo: “Graças, porém, a Deus, que, em Cristo, sempre nos conduz em triunfo e, por meio de nós, manifesta a fragrância do Seu conhecimento em todos os lugares” (2Co 2:14). ■

Referências

- 1 Ellen G. White, *Profetas e Reis* (Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2021), p. 178-182.
- 2 Heber C. Campos, *O Ser de Deus e os Seus Atributos* (São Paulo: Cultura Cristã, 2002), p. 335, 336.
- 3 Ellen G. White, *Mensagens Escolhidas* (Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2022), v. 1, p. 280.
- 4 Herbert E. Douglass, “Filipenses e Colossenses”, Lição da Escola Sabatina (versão do professor), julho a setembro de 1994, p. 6-8.
- 5 Ellen G. White, *O Grande Conflito* (Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2021), p. 530.
- 6 Ellen G. White, *Testemunhos Para a Igreja* (Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2021), v. 1, p. 311.
- 7 White, *Testemunhos Para a Igreja*, v. 1, p. 311.



Marlon C. Robinson
diretor de cuidados pastorais da
AdventHealth Manchester, Estados Unidos



SIGILO PASTORAL

A prática da confidencialidade no ministério

Já ouvi histórias de pessoas que ficaram devastadas quando pastores divulgaram informações confidenciais sobre elas sem permissão durante um sermão ou uma conversa com colegas e administradores. Mas será que é apropriado divulgar informações confidenciais? Existem limites para a confidencialidade?

Os pastores servem em diferentes posições e ambientes, mas apesar do seu contexto de trabalho, eles têm a obrigação ética, profissional e sagrada de não divulgar informações confidenciais sobre as ovelhas que estão sob seus cuidados e buscam sua orientação.

Devido à quantidade sem precedentes de dor física, psicológica e espiritual deixada pela recente pandemia, os serviços dos pastores estão em maior demanda.¹ Conseqüentemente, para proteger a confidencialidade, os ministros precisam ter uma boa definição do que é a confidencialidade, precisam discernir quais informações são classificadas como confidenciais e devem estar cientes dos benefícios e limites do sigilo pastoral, além de seguir o melhor protocolo de comportamento.

Definições

Confidencialidade diz respeito às informações que uma pessoa divulga em uma relação de confiança, na qual espera que essas informações não sejam compartilhadas com terceiros sem a autorização prévia e que não sejam tratadas de forma contrária, como acontece no momento em que são divulgadas.² A confidencialidade também pode ser definida como um dever ético dos pastores, os quais não devem divulgar informações de suas ovelhas sem permissão.³ É a condição na qual o pesquisador conhece a identidade de um objeto de pesquisa, mas toma medidas para que essa identidade não seja descoberta por outros.⁴ Uma situação que exige confidencialidade acontece quando os ministros estão lidando com informações pessoais, restritas, íntimas, secretas ou privadas dos membros, e que se baseiam em um conjunto

de regras preexistentes ou atuais, ou em uma promessa que limite a discussão e a apresentação pública dessas informações.

É interessante notar que a confidencialidade também se estende a “alguns relacionamentos íntimos, a discussões, à comunicação, a eventos e comportamentos pessoais que não somente precisam ser conservados longe de acesso público, como também quando é expresso o desejo de que as informações sejam mantidas em segredo entre o confidente e o que confidencia”.⁵ Em outras palavras, a confidencialidade é um acordo entre o pastor e a ovelha no qual é feito um compromisso que limita a discussão e a apresentação pública das informações que são compartilhadas dentro da relação dos dois. Portanto, a confidencialidade é algo sério e essencial, já que o pastor fez um voto sagrado de cuidar das suas ovelhas.

A escritora Elizabeth Audette declarou: “Devido à complexidade e à difusão das questões de confidencialidade na igreja, a clareza sobre a prática do clero [...] é importante.”⁶ Infelizmente, “há vários relatos de pastores que quebraram a confiança de pessoas que abriram o coração a ele diante da expectativa da manutenção do sigilo”.⁷ Divulgações antiéticas desse tipo até já resultaram em processos judiciais.⁸ O líder pastoral, Michael Kane, atribui essa quebra de confidencialidade a uma falta de compreensão adequada da natureza da comunicação. Ele escreveu: “Poucos entrevistados [pastores] entenderam que as informações recebidas em aconselhamento ou direcionamento espiritual devem ser mantidas em segredo.”⁹ Consequentemente, os ministros têm o dever sagrado de proteger o sigilo, pois é a coisa certa a se fazer, além de trazer muitos benefícios.

Benefícios e limites

A confidencialidade está associada a benefícios pessoais, organizacionais e sociais.¹⁰ Quando o sigilo é uma prioridade, as ovelhas e os pastores tendem a sentir que têm um lugar para onde ir ou alguém a quem recorrer quando enfrentam uma crise pessoal.¹¹ Essa sensação

de segurança é crucial para a relação entre o pastor e a ovelha, além de encorajá-los a buscar conselhos, instrução e referências para suporte adicional. Além disso, manter o sigilo é uma questão de respeito ao ser humano e à sua dignidade, dando às ovelhas “a segurança de que informações que causam vergonha não serão expostas em público”.¹²

Em relação aos benefícios organizacionais, o professor Carey e seus colegas descobriram que a confidencialidade incentiva a honestidade sem medo de represálias e abre o caminho para que as pessoas possam ser ajudadas antes que a situação delas se torne insustentável. Esses resultados são verdadeiros principalmente quando lidamos com questões morais ou doutrinárias relacionadas ao corpo ministerial.¹³

Além disso, a proteção das informações privadas de outras pessoas traz benefícios para a sociedade, pois “incentiva as pessoas a participar de atividades socialmente desejáveis, inclusive atividades de pesquisa e saúde pública”.¹⁴ A proteção da confidencialidade também promove a confiança entre a sociedade e a religião organizada.

Embora o sigilo de informações seja um dever ético universal,¹⁵ há limites para a proteção de alguns dados. Os possíveis limites à confidencialidade envolvem a ideia de privilégio, geralmente reivindicada por advogados e ministros,¹⁶ mas eles não são aplicados ou reconhecidos da mesma forma em cada jurisdição¹⁷ ou país. A comunicação de foro privilegiado é “uma doutrina de algumas religiões, [e] os clérigos devem manter a confidencialidade das comunicações pastorais”.¹⁸ A comunicação de foro privilegiado também é definida como “uma proteção estatutária que permite que um pastor receba determinadas comunicações no contexto de sua capacidade ministerial e fique imune a testemunhar sobre as mesmas em tribunal”.¹⁹ No entanto, é essencial observar que esse privilégio pode não ser absoluto, pois os estatutos de denúncia obrigatória às vezes “especificam as circunstâncias sob as quais uma comunicação é ‘de foro privilegiado’ ou pode permanecer confidencial”.²⁰ Alguns países e jurisdições têm leis de denúncia obrigatória que exigem que o pastor relate “atividades criminosas que possam resultar em danos graves ou perigo para pessoas individuais e para o público”.²¹ Essas atividades podem incluir, mas não se limitam a abuso infantil e exploração de pessoas portadoras de necessidades especiais. Consequentemente, é vital que os pastores conheçam e respeitem os limites de confidencialidade exigidos pelas leis nacionais ou de jurisdição.

Melhores práticas

A confidencialidade é essencial na construção da confiança entre o pastor e a ovelha, sendo de valor inestimável para um ministério eficiente. Devido à importância vital da confidencialidade para o ministério, aqui estão sete práticas recomendadas para ajudar os pastores a maximizar os benefícios que o sigilo traz e limitar potenciais suscetibilidades.

Faça um compromisso pessoal de manter a confidencialidade. A violação da confidencialidade pode expor o pastor à responsabilidade legal por difamar uma pessoa e intencionalmente infringir dano emocional,²² relacional e material. Portanto, mantenha sempre o sigilo.

Siga o protocolo da sua organização religiosa. Adote as práticas confidenciais do seu grupo religioso e de sua associação. Esses protocolos geralmente são implementados para garantir que os pastores operem com base nos mais altos padrões éticos e, assim, protejam-se de processos legais e também protejam suas ovelhas de danos causados por divulgações inadequadas. Os protocolos podem incluir confidencialidade absoluta e profissional. A confidencialidade absoluta é uma comunicação privilegiada, enquanto a confidencialidade profissional é quando os pastores não têm permissão para discutir sobre a própria ovelha “ou sobre o caso dela com ninguém, exceto com outro profissional que, na prática de sua profissão, tenha a proteção de uma comunicação de foro privilegiado”.²³

Imite o Bom Pastor. Jesus é o maior confidente, por isso, os ministros devem seguir Seu exemplo. O salmista declara: “É melhor confiar no SENHOR, do que depender de seres humanos” (Sl 118:8, NTLH). Portanto, seguir o exemplo de Cristo é muito importante na construção da confiança dos membros da igreja. Durante Seu ministério, Jesus mostrou como os pastores devem se comportar em relação à confidencialidade.

Nos seus sermões evite usar casos que ouviu durante o aconselhamento. Ministros que abraçam seus deveres sagrados e a responsabilidade ética irão evitar usar nos seus sermões e apresentações casos que ouviu nas sessões de aconselhamento pastoral. Na verdade, “qualquer indício de indiscrição verbal”²⁴ pode fazer com que o pastor perca a credibilidade do seu ministério. Por conseguinte, os ministros precisam encontrar outras alternativas de ilustrações em seus sermões e palestras.

Peça autorização. Antes de divulgar informações pessoais sobre um irmão ou irmã em questão, peça a autorização deles. É preciso também ter um consentimento explícito antes de usar as informações em uma apresentação, ou ao enviar a pessoa para outros conselheiros pastorais ou profissionais da área de saúde mental. Caso a permissão seja concedida, é preciso tomar algumas medidas que previnam a identificação do membro diante da igreja.

Conheça os limites. Faça uma pesquisa para saber quais são os limites da confidencialidade no seu país ou na sua jurisdição. Quando os pastores sabem esses limites, podem compartilhá-los com aqueles que buscam aconselhamento antes que qualquer informação confidencial seja compartilhada. O conhecimento desses limites irá ajudar a reduzir os riscos de danos à ovelha, ao público ou ao próprio pastor pela perda de credibilidade e por processos legais devido a revelações inadequadas.

Viva de acordo com os cinco princípios éticos. Os pastores precisam adotar cinco princípios éticos: *não maleficência,*

*não causar danos; beneficência, fazer o bem; autonomia, o direito à autodeterminação; justiça, um tratamento justo; e fidelidade, a qualidade ou o estado de ser fiel.*²⁵ Esses cinco princípios são a base da confidencialidade. Se forem implementados, provavelmente protegerão o pastor de causar danos a outras pessoas e a si mesmo.

Conclusão

Podemos ver que a confidencialidade tem valor inestimável para o ministério e precisa ser “respeitada e protegida a qualquer custo”.²⁶ Porém, toda essa informação dada aqui tem o propósito de educar o leitor, sem a intenção de ser um conselho jurídico. Propagar informação confidencial é um comportamento intolerável, a menos que seja concedida permissão ou haja um mandato legal para isso. Por conseguinte, as sete práticas citadas acima provavelmente irão aumentar a credibilidade dos pastores, contribuindo para que obtenham benefícios pessoais, organizacionais e sociais. ■

Referências

- 1 Marlon C. Robinson, “The Pastor’s Mental Health and the Covid-19 Pandemic,” *Ministry* 93 (2021), p. 6-9.
- 2 “Privacy and Confidentiality,” *Office of Research*. Disponível em <link.cpb.com.br/bed298>, acesso em 4/5/2023.
- 3 Philip Merideth, “The Five C’s of Confidentiality and How to Deal With Them,” *Psychiatry* 4 (2007), p. 28, 29.
- 4 “Understanding Confidentiality and Anonymity,” The Evergreen State College. Disponível em <link.cpb.com.br/d88edf>, acesso em 28/11/2021.
- 5 Carey, Willis, Krikheli e O’Brien, “Religion, Health and Confidentiality,” p. 677.
- 6 Elizabeth Audette, “Confidentiality in the Church: What the Pastor Knows and Tells,” *Christian Century* 115 (1998), p. 80-85.
- 7 Darlene Parsons, “Pastors Ignoring Confidentiality: Having Gospel Gossip Authority?,” *The Wartburg Watch*. Disponível em <link.cpb.com.br/d3e447>, acesso em 14/8/2023.
- 8 Paul Dechant, “Confidentiality and the Pastoral Minister: Duty, Right, or Privilege?” *Journal of Pastoral Care* 45 (1991), p. 61-69; Audette, “Confidentiality in the Church,” p. 80-85.
- 9 Michael N. Kane, “Catholic Priests’ Knowledge of Pastoral Codes of Conduct in the United States,” *Ethics & Behavior* 23 (2013), p. 199-213.
- 10 Lawrence O. Gostin e Sharyl Nass, “Reforming the HIPAA Privacy Rule: Safeguarding Privacy and Promoting Research,” *JAMA* 301 (2009), p. 1373-1375; Carey, Willis, Krikheli, e O’Brien, “Religion, Health and Confidentiality.”
- 11 Kami Orton, “The Clergy-Penitent Privilege: The Role of Clergy in Perpetuating and Preventing Domestic Violence,” *Nevada Law Journal Forum* 4 (2020). Disponível em <link.cpb.com.br/0b2345>, acesso em 14/8/2023.
- 12 Gostin e Nass, “HIPAA Privacy Rule”; Ralph B. Lassiter, “Clergy Confidentiality.” Disponível em <link.cpb.com.br/712cff>, acesso em 14/8/2023.
- 13 Carey, Willis, Krikheli e O’Brien, “Religion, Health and Confidentiality.”
- 14 Gostin e Nass, “HIPAA Privacy Rule”, p. 1373.
- 15 Merideth, “The Five C’s of Confidentiality”, p. 28, 29.
- 16 Carey, Willis, Krikheli e O’Brien, “Religion, Health and Confidentiality”; Orton, “Clergy-Penitent Privilege.”
- 17 Merideth, “Five C’s of Confidentiality”, p. 28, 29.
- 18 *Clergy as Mandatory Reporters of Child Abuse and Neglect*, Child Welfare Information Gateway. Disponível em <link.cpb.com.br/a53793>, acesso em 14/8/2023.
- 19 Lassiter, “Clergy Confidentiality”, p. 2.
- 20 Child Welfare Information Gateway, “Clergy as Mandatory Reporters”, p. 2.
- 21 Carey, Willis, Krikheli e O’Brien, “Religion, Health and Confidentiality”, p. 684.
- 22 Lassiter, “Clergy Confidentiality”, p. 5.
- 23 Carey, Willis, Krikheli e O’Brien, “Religion, Health and Confidentiality.”
- 24 Carey, Willis, Krikheli e O’Brien, “Religion, Health and Confidentiality”, p. 681.
- 25 *Merriam-Webster*, “Fidelity.” Disponível em <merriam-webster.com/dictionary/fidelity>, acesso 18/5/2023.
- 26 Carey, Willis, Krikheli e O’Brien, “Religion, Health and Confidentiality”, p. 684.

VOCÊ PODE APRENDER *mais*

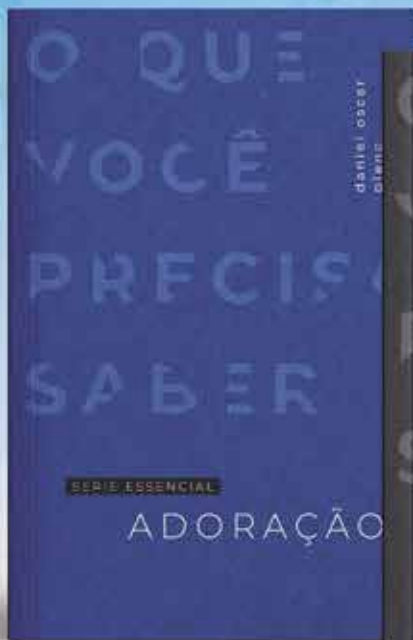
IMT CPB/Adobe Stock

A *Série Essencial* foi idealizada para oferecer uma introdução aos temas mais discutidos da atualidade.



Como desenvolver uma liturgia reverente e significativa para a comunidade de fé?

Neste livro você encontrará sugestões de práticas que enriquecem a liturgia congregacional e proporcionam uma experiência viva de comunhão com Deus e compromisso com a missão.



Sistemas políticos. Democracia. Exercício do poder. Voto consciente. Política e religião. Igreja e estado. Liberdade religiosa. Polarização. Imperialismo. Filosofia da história. Essas são algumas questões que este livro discute com sensibilidade e equilíbrio.

Ao lê-lo, você terá a oportunidade de enxergar a política por uma nova perspectiva.



cpb.com.br • 0800-0552616

CPB livraria • WhatsApp (15) 98100-5073

Pessoa jurídica/distribuidor WhatsApp (15) 3205-8910
atendimentolivrarias@cpb.com.br



Baixe o
Aplicativo CPB



Facebook Instagram Twitter YouTube /cpbeditora



Ezinaldo Pereira
professor de Teologia
na Faculdade Adventista
da Amazônia



Carlos Silva
pastor em
Rondônia



Felipe Macedo
pastor no Pará

DEUS, JÓ E O LEVIATÃ

Reflexões sobre o
diálogo em Jó 41:1-11

O sofrimento humano é um dos temas mais discutidos ao longo da história. Muitos teólogos empreenderam tempo e esforços na tentativa de apresentar respostas a esse respeito. Nessa perspectiva, o livro de Jó oferece uma exposição profunda sobre a justiça divina diante do sofrimento humano.¹ Assim, Jó discute o problema do justo sofredor.²

Curiosamente, alguns estudiosos dizem que o nome Jó significa “alguém a quem Javé trata como inimigo”³ ou “ser hostil”.⁴ Outros afirmam que esse nome é uma provável derivação de uma raiz hebraica que significa “voltar” ou “arrepender-se”.⁵ Seja como for, essas compreensões apresentam ao menos duas ideias que se relacionam com a temática do livro: 1) a perspectiva do sofrimento de Jó por Deus tratá-lo como adversário e 2) a ideia desse personagem voltando-se para o Senhor ao reconhecer sua insignificância no fim da narrativa.

Sob esse prisma, analisaremos neste artigo o texto de Jó 41:1-11, visando compreender os versos 9 a 11, que nos conduzem a três perguntas: (1) Quem se

levanta diante de Deus? (2) Quem veio primeiro? (3) Quem é o dono de tudo?

Contexto histórico e temática

Em primeiro lugar, é importante entender o contexto histórico dessa obra bíblica. Não é fácil datar a vida e a carreira de Jó, uma vez que esse relato não possui qualquer referência a eventos históricos e reflete um ambiente cultural não hebraico.⁶ A história de Jó não acontece em um contexto israelita, eclesiástico, político ou militar. Pelo contrário, Jó se manifesta num quadro doméstico, comum em sua época: um

rico dono de terras, amado e honrado por seus conterrâneos.⁷

Em segundo lugar, no que se refere ao assunto central do livro, a dor e a tragédia na vida dos fiéis filhos de Deus são abordados por meio da história de Jó.⁸ Todavia, embora a opinião comum acredite que o escritor canônico responda afirmativamente à questão do sofrimento na vida dos inocentes, essa visão é correta, mas incompleta. A realidade de Deus, Sua justiça e Seu poder é que estão no centro do debate do livro. A intenção do poeta é mostrar, desde o início, a divindade de Deus e a fragilidade humana. Sem a revelação divina, porém, “os esforços do homem para defender a conduta de Deus só têm como resultado abaixar a divindade ao nível de um ideal humano de justiça e revelam, por isso, uma forma intelectual de idolatria.”⁹

Assim sendo, uma das maiores contribuições do livro é o quadro sobre Deus, bem como o conceito de forças e poderes, celestiais e terrenos, que afetam a vida das pessoas – justos podem sofrer e ímpios podem prosperar –, mas somente Deus trará justiça final a todos.¹⁰

Quem se levanta diante de Deus?

No diálogo com Jó, Deus mostra que tanto o Universo quanto a vida de Seu servo estão sob o controle divino. Por meio de perguntas reflexivas, Deus tem por objetivo fazer com que Jó entenda que os seres humanos, de fato, pouco sabem acerca do Todo-Poderoso. No entanto, a resposta divina envolve a revelação de Sua presença e de Sua misericórdia para com o ser humano.¹¹

Nesse contexto, “Quem pode se levantar diante de Deus?” é a primeira pergunta feita em Jó 41:10. Essa questão surge após o Senhor apresentar uma descrição detalhada do crocodilo (ou leviatã [heb. *liviyathan*], a depender da tradução) nos versos 1 a 9. Trata-se de um

animal selvagem, feroz e indomável, dotado de grande boca e armado com fortes dentes. O corpo é coberto de escamas bem unidas, como se fossem uma malha. O foco do texto está em mostrar a força superior do monstro marinho em comparação com a capacidade do homem em disputar com ele.¹²

Não há possibilidade de capturar o crocodilo com um anzol (v. 1), furar sua orelha com uma vara (v. 2), ou ainda domá-lo (v. 4). Com certeza “esse jamais seria um brinquedo que ele daria às suas meninas (escravas) como um animal de estimação (v. 5).”¹³ A verdade é que “o mero pensamento da luta com o crocodilo faz a pessoa desistir de tentar capturá-lo” (v. 8).¹⁴

Portanto, o verso 10 contém a conclusão do argumento que Deus construiu durante essa conversa. Uma vez que nenhum ser humano é forte o bastante para guerrear contra o crocodilo, como ainda deseja rivalizar com o Senhor? Ou seja, se não consegue combater esse animal, menor ainda é a chance de alguém se erguer diante de Deus. Assim, “o objetivo é, sem dúvida, repreender Jó por seu desejo imprudente de argumentar com Deus.”¹⁵

Quem veio primeiro?

A próxima pergunta se refere ao elemento temporal: “Quem primeiro deu algo a Mim, para que Eu tenha de retribuir-lhe?” (v. 11). Nessa pergunta, Deus incita Jó para que responda quem vem primeiro. Compreende-se que, para cada coisa, há um criador/originador por trás. No entanto, Deus “não precisa de matéria independentemente preexistente”, tampouco é “limitado pelo espaço e pelo tempo como as criaturas.”¹⁶ Nesse contexto, Deus, de alguma forma, procura fazer com que Jó reflita sobre a existência dos seres criados e

seu Criador, pois diante da criação o Senhor demonstra que não precisou da opinião de sua criatura para que as coisas fossem feitas.

Considerando o contexto amplo das indagações feitas por Deus, no capítulo 38 o Senhor fez uma pergunta que conduziu Jó a refletir a respeito de quem de fato veio primeiro à existência. “Que ele diga onde estava, quando este mundo inferior foi criado, e se ele forneceu conselhos para auxiliar naquela obra maravilhosa (v 4): ‘Onde estavas tu quando Eu fundava a terra?’”¹⁷ Deus questionou Jó quanto a seu conhecimento da origem e função do mundo. O Criador o inquiriu com respeito “aos mistérios das coisas criadas não visíveis ao olho humano.”¹⁸

De certa forma, Deus queria que Jó entendesse que tanto sua existência quanto sua sabedoria são muito escassas diante do Senhor. O *Comentário Bíblico Adventista* acrescentou: “Estas expressões têm o efeito de mostrar a Jó quão limitado, em realidade, era seu conhecimento.”¹⁹ Ao ponto de que o próprio Eliú declarou: “Eis que Deus é grande, e não O podemos compreender; o número dos Seus anos não se pode calcular” (Jó 36:26).

Com isso, Jó compreendeu o quanto ele era limitado para entender a grandiosidade divina. Hartley afirmou: “Certamente Deus é grande além do nosso entendimento (cf. Ec 8:17). Ele é eterno além da limitação de anos; o número de seus anos é insondável. Jó deve estar ciente de que Deus é digno de louvor, em vez de buscar um desafio legal com Ele.”²⁰

Quem é o dono de tudo?

Essa pergunta está implícita na afirmação que Deus faz na conclusão do verso 11: “Pois o que está debaixo de todos os céus é Meu.” Em face dessa

conversa entre Deus e Jó, o Senhor faz perguntas e declarações para expressar quem realmente criou tudo e a quem pertence todas as coisas. É como se o Eterno dissesse: “Deixe-Me surpreendê-lo pela complexidade de tudo isso!”

Considerando a maldade presente na Terra desde a queda do ser humano (Gn 3), e que a causa do sofrimento por vezes é atribuída a Deus, Matthew Henry declarou que somos devedores à paciência divina, porquanto “Deus tem poder suficiente para abalar a Terra sob esta raça culpada, sob esta humanidade que a faz gemer sob o fardo do pecado, e assim sacudir dela os ímpios (Jó 38:13).”²¹

Assim, podemos notar que as perguntas feitas por Deus a Jó tinham como objetivo fazer com que o patriarca entendesse o tamanho da grandeza divina, ao ele refletir sobre as coisas criadas. Frente à sabedoria de seu Criador, Jó é silenciado, pois o Eterno tem poder sobre todas as forças do Universo (38:2–42:6); sobre o hipopótamo (40:15-24); sobre o leviatã (41:1-26); e sobre todo e qualquer inimigo (41:27-34).²² Deus está no controle de todas as coisas, como o próprio Jó afirmou: “Ele é sábio de coração e grande em poder; quem ousou desafiar-Lo e sobreviveu? Ele é quem remove os montes, sem que saibam que na Sua ira Ele os transtorna” (Jó 9:4, 5).

Sob esse olhar, o Senhor é anterior à natureza e às demais coisas criadas, sendo proprietário delas. Desse modo, tendo também senhorio sobre a fonte de todo conhecimento, “o ser humano deve olhar para Deus em busca de sabedoria. O homem pode participar dela somente através do conhecimento da mente revelada de Deus.”²³

Perante tamanha soberania, Eliú relata que Deus em Sua autoridade está bem acima dos seres humanos (Jó 33:12). É inútil contender com o Senhor. “Deus

faz o que acha melhor e não precisa explicar o motivo de Seus atos.”²⁴ Logo, nenhum dos seres humanos tem argumento para questionar os atributos divinos ou Sua forma de agir, uma vez que, do ponto de vista teológico, os planos de Deus estão muito além da compreensão humana. Isaías escreveu as palavras divinas: “Porque, assim como os céus são mais altos do que a terra, assim os meus caminhos são mais altos do que os seus caminhos, e os Meus pensamentos são mais altos do que os pensamentos de vocês” (Is 55:9).

Conclusão

Em Jó 42:1 e 2, o patriarca faz sua confissão diante da grandeza de Deus: “Então, respondeu Jó ao Senhor: Bem sei que tudo podes, e nenhum dos Teus planos pode ser frustrado” (ARA). Esses textos mostram que Deus nunca deixou de Se apresentar diante das dificuldades dos Seus filhos. Mesmo que o ser humano não entenda, os planos do Senhor sempre serão maiores e melhores.

Ainda que Deus não tenha respondido de maneira completa às questões

de Jó, não obstante, demonstrou cuidado para com Seu servo. Posto que, até nos piores momentos da vida do Seu filho, em meio às trevas da existência, o Senhor desejou que ele recordasse daquilo que foi aprendido quando estava na luz. Isso nos ensina que as perguntas dirigidas a Jó não tinham a intenção de explicar o porquê do mal, mas revelar ao cansado patriarca *quem é Deus*. O *Comentário Bíblico Adventista* acrescenta: “Deus não explica por que os ímpios prosperam ou por que os justos sofrem. [...] A resposta de Deus faz com que Jó se familiarize não meramente com fatos, mas com Deus.”²⁵

Portanto, quanto mais próximos estivermos do Senhor, melhor enxergaremos Sua grandeza e também a nossa pequenez. Jó admitiu que a ideia anterior que ele tinha sobre Deus era baseada nas experiências das outras pessoas, ou seja, pelo que ouviu: um relacionamento fundamentado na tradição. Contudo, agora, sua experiência religiosa tornou-se firmada na comunhão pessoal com o grandioso Deus. ■

Referências

- 1 Kenneth Barker (org.), *Bíblia de Estudo NVI* (São Paulo: Vida Nova, 2003).
- 2 W. C. Kaiser (org.), *Bíblia de Estudo Arqueológica NVI* (São Paulo: Vida Nova, 2014).
- 3 Frederic Bush, David Hubbard e William Lasor, *Introdução ao Antigo Testamento* (São Paulo: Vida Nova, 2002).
- 4 Samuel Terrien, *Jó: Grande Comentário Bíblico* (São Paulo: Paulus, 1994), p. 8.
- 5 Gleason L. Archer, *Panorama do Antigo Testamento* (São Paulo: Vida Nova, 2012), p. 570.
- 6 Archer, *Panorama do Antigo Testamento*, p. 570.
- 7 Francis D. Nichol (ed.), *Comentário Bíblico Adventista do Sétimo Dia* (Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2012), v. 3, p. 550.
- 8 Archer, *Panorama do Antigo Testamento*, p. 570.
- 9 Terrien, *Jó: Grande Comentário Bíblico*, p. 7.
- 10 Nichol (ed.), *Comentário Bíblico Adventista do Sétimo Dia*, v. 3, p. 584.
- 11 Claudionor de Andrade, *Jó: O Problema do Sofrimento do Justo e o seu Propósito* (Rio de Janeiro: Casa Publicadora das Assembleias de Deus, 2012).
- 12 Milo L. Chapman, *Comentário Bíblico Beacon* (Rio de Janeiro: Casa Publicadora das Assembleias de Deus, 2005), v. 3, p. 20-100.
- 13 Chapman, *Comentário Bíblico Beacon*, p. 93.
- 14 Matthew Henry, *Comentário Bíblico Antigo Testamento: Jó a Cantares de Salomão* (Rio de Janeiro: CPAD, 2015), p. 687.
- 15 Chapman, *Comentário Bíblico Beacon*, p. 687.
- 16 Fernando Canale, “Doutrina de Deus”, em *Tratado de Teologia Adventista do Sétimo Dia*, ed. Raoul Dederen (Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2011), p. 133.
- 17 Henry, *Comentário Bíblico Antigo Testamento: Jó a Cantares de Salomão*, p. 186.
- 18 Frank E. Gaebelien, *The Expositor's Bible Commentary*, (Michigan, MI: Zondervan, 1988), p. 1036.
- 19 Nichol, *Comentário Bíblico Adventista do Sétimo Dia*, v. 3, p. 676.
- 20 John Hartley, *The Book of Job* (Grand Rapids, MI: Eerdmans Publishing, 1988), p. 479, tradução nossa.
- 21 Henry, *Comentário Bíblico Antigo Testamento: Jó a Cantares de Salomão*, p. 687.
- 22 Russell N. Champlin, *O Antigo Testamento Interpretado* (São Paulo: Hagnos, 2001), v. 3, p. 2029.
- 23 Gaebelien, *The Expositor's Bible Commentary*, p. 976, tradução nossa.
- 24 Nichol, *Comentário Bíblico Adventista do Sétimo Dia*, v. 3, p. 661.
- 25 Nichol, *Comentário Bíblico Adventista do Sétimo Dia*, v. 3, p. 675.



Rubens Mandelli
pastor em Brasília, DF



VAMOS PLANEJAR?

Estratégias para uma igreja viva

Definido como “processo que leva ao estabelecimento de um conjunto coordenado de ações, visando à consecução de determinados objetivos”, o planejamento é essencial em todas as áreas da nossa existência, especialmente no serviço a Deus e à Sua igreja.

Deus que planeja

Quando estudamos a Bíblia e o Espírito de Profecia, percebemos claramente que servimos a um Deus que estabelece e segue um plano ordenado. Expressões como “tempo determinado” (Ec 3:1; Dn 8:19, 11:35; Hc 2:3), “plenitude dos tempos” (Gl 4:4; Ef 1:10), e outras que denotam a existência ou importância de um planejamento (Gn 1 e 2; 2Rs 19:25; Jó 42:2; Pv 21:5; Lc 14:28-30), demonstram que o próprio Deus não faz as coisas sem um preparo.

O maior exemplo de planejamento vem do próprio Deus, quando formulou o plano da salvação. Ellen White escreveu: “O plano de nossa redenção não foi um pensamento posterior, formulado depois da queda de Adão. Ele foi ‘a revelação do mistério guardado em silêncio nos tempos eternos’ (Rm 16:25). Foi um desdobramento dos princípios que, desde os séculos da eternidade, têm sido o fundamento

do trono de Deus. [...] Deus não determinou a existência do pecado, mas previu-a e tomou providências para enfrentar a terrível situação.”²

Deus é intencional, organizado e tem objetivos a alcançar. Tudo isso Ele faz de forma pensada, coesa e planejada.

Plano divino

Inspirada por Deus, Ellen White orientou: “Deve ser feita na igreja uma obra bem organizada, para que seus membros saibam como comunicar a luz a outros e assim fortalecer a própria fé e aumentar seu conhecimento. Ao repartirem o que receberam de Deus, serão firmados na fé. A igreja que trabalha é uma igreja viva.”³

Com base nessa citação, a igreja que realiza sua obra de forma bem organizada é uma igreja forte, viva e que cumpre o papel para o qual foi estabelecida. Esse é o plano de Deus para nós!

Ciente da importância de organizar a igreja para o trabalho, tenho dedicado esforços desde o início do meu ministério, com a ajuda de Deus, para estabelecer planos junto aos meus liderados a fim de promover dois objetivos cruciais: 1) fortalecer espiritualmente os membros da igreja e 2) envolvê-los na missão. Portanto, as sugestões que compartilharei neste artigo são fruto da minha pequena experiência ao longo desses quase 15 anos de ministério.

Antes de prosseguir, é importante destacar que estas propostas para elaboração do planejamento eclesialístico podem ser adaptadas, aprimoradas e até descartadas de acordo com as características de cada igreja.

Primeiros passos

Busque sabedoria do alto. Seguindo as recomendação divinas, devemos consultá-Lo em oração, antes de qualquer coisa, e permitir que a palavra final na elaboração dos planos seja Dele (Pv 16:1). Assim,

dedique um tempo considerável e/ou dias de oração antes de se reunir com a liderança para iniciar o planejamento. Esse era o método de Jesus (Lc 6:12-16).

Considere a agenda do campo local. Ao se reunir com a liderança (distrital e local), tenha em mãos o calendário anual de atividades fornecido pela Associação/Missão a qual você pertence. Isso facilitará a definição de datas e programações.

Ouçá sua liderança. Consulte a liderança da igreja, ouça-a e compartilhe, de forma geral, sua visão e o que você gostaria de realizar – juntamente com eles – para a glória de Deus. É importante que seus sonhos sejam os sonhos deles também.

Coloque os sonhos no papel. Uma vez que todos sabem onde desejam chegar, é hora de montar o planejamento. Após feito, leve-o em sua agenda/celular e compartilhe as informações impressas e/ou digitalizadas com todos os seus líderes.

Planejamento sugestivo

Entendo que “igreja viva” é a igreja que *cuida* de seus membros e os *alimenta* espiritualmente. É também a igreja que *congrega* para adorar ao Senhor e *doa* em expressão de gratidão, além de contribuir para o sustento da obra de Deus. Por fim, é uma igreja que *anuncia* as boas-novas da salvação em Jesus. Vejamos de forma objetiva cada um desses aspectos.

Cuida

Partindo do princípio de que devemos cuidar, em primeiro lugar, dos nossos (Gl 6:10; At 2:46), e de que somos guardadores dos nossos irmãos, elabore planos para dar suporte a todos os membros. Na primeira ênfase definimos atividades como:

Visitação pastoral. Organize-se para visitar todos os membros em seus respectivos lares. Você também pode estabelecer dias e horários para recebê-los na igreja ou atendê-los por meio de chamadas de vídeo, especialmente aqueles que não têm muita disponibilidade de horário. Lembre-se de que a visitação é um dos principais trabalhos do pastor. Sugiro iniciar a visitação pelos anciãos e demais líderes da igreja.

Visitação do ancionato. Organize o ancionato para a visitação. Com base na lista de membros, reparta uma quantidade específica de famílias para cada ancião(o) “subpastorear”. Realize um treinamento básico⁴ sobre como devem proceder durante as visitas.

Pequenos grupos e unidades da Escola Sabatina. Além da visitação pastoral e do ancionato, o estabelecimento da maior quantidade possível de pequenos grupos

e a filiação dos membros às classes da Escola Sabatina são indispensáveis no levantamento e atendimento das necessidades espirituais da membresia, principalmente em igrejas grandes.

Alimenta

A nutrição espiritual da igreja é outro fator importante no planejamento distrital. Infelizmente, muitas pessoas naufragam na fé (1Tm 1:19) porque não se fortalecem espiritualmente nem se apegam à Palavra de Deus (Lc 4:4; Tt 1:9). Mas um pastor segundo o coração de Deus trabalha para que isso não aconteça. Assim, na segunda ênfase, você pode estabelecer as seguintes ações:

Calendário de pregação. Prepare um calendário de pregação⁵ com base nas necessidades da igreja. Isso ajudará sua congregação a se alimentar do que ela precisa e não apenas do que deseja ouvir. Organize séries temáticas, especialmente para os cultos de domingos e quartas. Priorize o estudo de temas mais profundos que ajudarão a solidificar a fé e o compromisso dos membros com a mensagem adventista. Defina as datas das semanas de oração, vigílias, santas ceias, batismos, entre outras.

Ensino prático. Segundo Ellen White, “deve haver menos pregação e mais ensino”⁶ em nossas igrejas. Assim, inclua em seu planejamento seminários sobre profecias, história da igreja adventista, soteriologia, como tirar melhor proveito dos momentos de leitura bíblica e devoção pessoal, entre outros.

Disponibilize conteúdos. Com a facilidade de comunicação por meio das redes

sociais (especialmente o WhatsApp), aproveite para disponibilizar artigos, links e documentos oficiais da igreja para que os membros tenham acesso a conteúdos seguros. Você como pastor pode fazer isso rotineiramente ou delegar essa atividade a alguém do ancionato, ou ainda eleger um líder específico para essa função.

Congrega

Um dos grandes desafios que tenho enfrentado no ministério é com relação à evasão dos membros, tanto em igrejas pequenas quanto grandes, situação que se agravou após a pandemia da Covid-19. Essa é uma grande preocupação, pois a orientação bíblica é que a igreja se reúna para cultuar e que se alegre ao fazê-lo (Hb 10:25, Sl 122:1). Portanto, acrescente a seu planejamento anual várias ações que incentivem os membros a participar dos cultos regulares.

Aprimore as reuniões de culto. Tendo como base a ênfase “alimenta”, o aprimoramento dos cultos deve começar pelo “fortalecimento do púlpito”. Mensagens sólidas, com base bíblica, que vão ao encontro das reais necessidades dos ouvintes, fortalecerão a fé dos membros e trarão de volta os ausentes. Promova aulas aos pregadores da igreja sobre como preparar e apresentar sermões (essas aulas podem ser presenciais, on-line ou por meio de algum curso de oratória gravado).⁷

Ensine a igreja a adorar e louvar. Nossos membros precisam ser ensinados sobre o que é adoração. Faça sermões sobre o tema. Além disso, é importante dar

atenção às mensagens cantadas. Oriente os dirigentes da música⁸ sobre o papel que o louvor desempenha na liturgia. Isso qualificará as reuniões de culto, tornando-as mais envolventes e com maior significado.

Envolva o maior número de participantes nas atividades dos cultos. A seguinte frase atribuída a Benjamin Franklin tem muito a nos ensinar: “Diga-me e eu esqueço. Ensine-me e eu lembro. Envolve-me e eu aprendo.” Para que haja maior adesão aos cultos, é necessário que os participantes se envolvam no processo, a fim de que haja mudança de mentalidade acerca da importância de se congregar. Recomendo as seguintes ações: realize uma enquete com os membros para que sugiram temas a ser abordados; envolva as crianças e adolescentes nas programações; escale líderes de departamento e suas respectivas equipes para dirigir determinadas reuniões de culto e programações especiais. Que outras sugestões você acrescentaria?

Doa

Inclua no seu planejamento algumas atividades que fortaleçam, eduquem e incentivem os membros acerca da fidelidade nos dízimos e ofertas como uma expressão de gratidão a Deus e para a manutenção de Sua obra local e mundial (Mt 3:10, 2Co 9:7; 11:8, 9).

*Ofertório em todos os cultos.*⁹ Além de fazer parte da adoração ao Senhor, realizar o momento do ofertório em todas as reuniões de culto proporcionará um lembrete constante e educativo sobre a importância da fidelidade. Converse com sua liderança sobre isso.

Defina percentuais de crescimento. Com base nas informações do ano anterior, estabeleça metas em percentuais de quanto desejam crescer nos dízimos e ofertas.

Acompanhamento regular pela comissão diretiva. Com a ajuda do departamento da tesouraria local e/ou da Associação/Missão, solicite os dados do ano anterior disponíveis no ACMS para um comparativo. A cada bimestre/trimestre dedique um tempo da reunião da comissão diretiva para analisar o crescimento/queda dos dízimos e ofertas.

Faça prestação de contas. Estabeleça datas para apresentar um relatório financeiro para a igreja. Inclua nesse relatório informações como: entradas e despesas, comparativos dos dízimos e ofertas, informações sobre o número de dízimistas e ofertantes, etc. Isso gera credibilidade e incentiva os membros a se comprometerem com a obra do Senhor.

Outras ações. Além das atividades elencadas acima, a implementação de uma equipe distrital de mordomia, a realização da “Festa das Primícias”,¹⁰ a Semana da Fidelidade e alguns “plantões” para o incentivo do uso do aplicativo 7me,

também podem ajudar no fortalecimento da fidelidade em sua igreja.

Anuncia

Por fim, nenhum planejamento estaria completo se não apresentasse ações que incentivem os membros a se envolverem na missão e no discipulado. Muitas são as possibilidades para compor as atividades dessa ênfase. Algumas delas são:

Estabeleça frentes missionárias. Defina junto à liderança o número de estudos bíblicos, duplas missionárias, classes bíblicas, livros missionários e quantas pessoas desejam alcançar por meio do batismo.

Séries evangelísticas. Separe as datas das programações evangelísticas regulares que temos em nosso calendário anual (Semana do Calvário, Evangelismo Feminino, Semana da Esperança, Reencontro, entre outras) e estabeleça outras que julgar importantes. Forme equipes para planejar cada uma delas (quem será o orador, músicas, divulgação, etc.).

Projetos comunitários. Estabeleça projetos comunitários, como: atendimento aos beneficiados pela ASA, acompanhamento às famílias de presidiários, auxílio a moradores em situação de rua, refugiados, entre outros. Esses são campos férteis em que a semente do evangelho brotará e produzirá grande colheita – mas é necessário planejar antes.

Conclusão

Após definir todas as ações, tome um voto com a comissão diretiva e com a igreja. Faça o acompanhamento e a avaliação dessas ações nas reuniões regulares da liderança.

Por fim, como mencionado na introdução deste artigo, as atividades apresentadas são apenas sugestivas, e objetivam auxiliar você, amigo pastor, na construção do planejamento junto à sua igreja. E então, vamos planejar?

Que o Senhor abençoe você e seus líderes na elaboração de coisas grandiosas para a obra de Deus em 2024. Avancemos! Jesus tem pressa. ■

Referências

- 1 Aurélio Buarque de Holanda Ferreira, *Novo Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa* (Curitiba, PR: Editora Positivo Ltda, 2008), p. 1575.
- 2 Ellen G. White, *O Desejado de Todas as Nações* (Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2021), p. 11.
- 3 Ellen G. White, *Serviço Cristão* (Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2022), p. 62.
- 4 Ver “Como Fazer uma Visita Pastoral”, *Associação Ministerial*, disponível em <link.cpb.com.br/32d5dc>, acesso em 30/10/2023.
- 5 Ver “Planejamento de Pregação” de Emilson Reis, *Como Preparar e Apresentar Sermões* (Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2018).
- 6 Ellen G. White, *Obreiros Evangélicos* (Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2023), p. 312.
- 7 Ver “Capacitação para Anciãos”, *Associação Ministerial*, disponível em <link.cpb.com.br/af572a>, acesso em 30/10/2023.
- 8 Ver “Liderança de Música e Adoração”, *Unasp*, disponível em <link.cpb.com.br/9e33e5>, acesso em 30/10/2023.
- 9 “Primeiro Deus – Crescimento Espiritual”, *Divisão Sul-Americana*, disponível em <link.cpb.com.br/85f366>, acesso em 30/10/2023.
- 10 Pollyana Trindade, “Projeto das Primícias Incentiva Membros a uma Renovação de Compromissos”, *Datas Especiais*, disponível em <link.cpb.com.br/04d712>, acesso em 30/10/2023.



Martín Mammana
pastor e estudante de
comunicação na Argentina



DISCIPLINA E REDENÇÃO

Como lidar
com gentios e
publicanos

Referindo-se a uma situação anônima de apostasia, Ellen White escreveu: “[...] o caso do irmão A foi especial. Foram empregados com sabedoria todos os esforços para evitar que ele abandonasse o aprisco. Mas, após ter ele se afastado, não foram feitos esforços cuidadosos para trazê-lo de volta. Houve mais fofoca sobre seu caso do que sincero pesar. Tudo isso o manteve afastado do redil e motivou seu coração a se separar cada vez mais de seus irmãos, tornando mais difícil o resgate.”¹

Já se passaram quase 180 anos desse ocorrido, mas, infelizmente, a cena descrita continua se repetindo com diferentes matizes e protagonistas. Será que ainda não entendemos a essência da disciplina eclesiástica? Onde termina minha responsabilidade pelo irmão que caiu? Qual é meu papel como pastor diante desses casos? A resposta a essas perguntas pode melhorar a saúde espiritual de nossas congregações e pode torná-las um lugar mais acolhedor.

Um modelo bíblico

Ao falar de disciplina eclesiástica, é inevitável não recorrer a Mateus 18:15 a 17. O texto estabelece as bases para a reconciliação entre dois cristãos afastados por alguma diferença ou conflito, mas seu procedimento é utilizado também para resolver diversos casos em que algum tipo de pecado está envolvido.² “Se o seu irmão pecar contra você, vá e repreenda-o em particular. Se ele ouvir, você ganhou o seu irmão” (Mt 18:15). O primeiro passo, quer meu irmão tenha cometido alguma ofensa contra mim ou eu tenha testemunhado algum erro ou pecado dele, é uma aproximação pessoal e privada. Muitos mal-entendidos seriam poupados se essa premissa inicial fosse praticada com mais frequência. O pastor tem a tarefa de educar sua igreja nesse aspecto. Não são poucas as vezes em que um irmão se aproxima do ministro para compartilhar – geralmente com uma boa intenção – o caso de outra pessoa que está incorrendo em determinada falha. Nesse momento, o pastor deve lembrá-los dos passos mencionados em Mateus 18. Dessa forma, o pastor tomará parte ativa na restauração de seu próximo e evitará que a fofoca seja espalhada na comunidade.

“Mas, se não ouvir, leve ainda com você uma ou duas pessoas, para que, pelo depoimento

“
**O pastor
tem a
tarefa de
educar
sua igreja
nesse
aspecto.**”

de duas ou três testemunhas, toda questão seja decidida” (v. 16). O tempo em que vivemos comporta, entre tantos desafios, a difícil tarefa de lidar com a subjetividade quase na sua máxima expressão. A premissa hoje é: “Cada um tem sua própria verdade.” No âmbito dos conflitos interpessoais ou das situações de disciplina eclesiástica, isso se traduz como “sua verdade contra a minha”. Felizmente, o segundo passo das recomendações de Cristo em Mateus 18:15 a 17 visa preservar a objetividade necessária para resolver esse tipo de situação. Jesus fez alusão ao Antigo Testamento para se referir à prática de não condenar ninguém baseando-se unicamente na opinião de uma única pessoa (Nm 35:30; Dt 17:6; 19:15). Dessa forma, o ofensor é beneficiado: ao se preservar a objetividade do caso, as possibilidades de se cometer uma injustiça são reduzidas.³

“E, se ele se recusar a ouvir essas pessoas, exponha o assunto à igreja” (v. 17). Se os dois passos anteriores não obtiveram êxito, então o caso deve ser levado para a igreja. “[O pronunciamento público de disciplina] nunca é violação de segredos, pois o ofensor deliberadamente recusou os caminhos prévios do arrependimento.”⁴ Mas, mesmo nesse ponto do processo, o irmão que está entrando no processo disciplinar pode voltar atrás em suas ações e se arrepender, já que o texto bíblico continua dizendo: “E, se ele se recusar a ouvir também a igreja, considere-o como gentio e publicano” (v. 17).

Depois que a pessoa em questão ignora a repreensão amável da igreja, deve-se proceder à sugestão de censura ou remoção por parte da Comissão da Igreja e, em seguida, a totalidade dos membros da congregação tomará a decisão final sobre o caso.

Gentio e publicano

O final do verso 17 parece indicar o culminar do processo disciplinar. Uma vez que a pessoa rejeitou os constantes chamados ao arrependimento, tanto da parte de seus irmãos quanto do Espírito Santo, então não resta outra alternativa a não ser considerá-lo gentio e publicano. Penso que é precisamente aqui que reside o maior problema dos nossos atuais processos disciplinares. Parece que nós lemos essas palavras da perspectiva de alguém zeloso por Deus e pela Sua lei, inimigo dos impuros (gentios) e abomináveis (publicanos). De fato, alguns comentaristas bíblicos têm dificuldade em compreender corretamente essas palavras de Jesus, que parecem contradizer Seus ensinamentos sobre o amor ao próximo e a universalidade da salvação. A solução que encontraram para essa “pedra no sapato” consiste em supor a existência de uma manipulação posterior do relato dos evangelhos por parte da comunidade cristã do período apostólico.⁵ Dessa forma, o suposto desprezo de Jesus para com os gentios e publicanos não teria saído de Sua boca, mas da pena de algum copista judeu influenciado por sua forte bagagem cultural acumulada ao longo dos anos. Para nós que acreditamos no processo de inspiração divina da Bíblia e a usamos como texto normativo a partir do qual estruturamos nossa cosmovisão, essa solução não pode ser satisfatória. Tem de haver outra explicação e, na verdade, há.

Como proceder

Para começar a compreender esse assunto, devemos recordar o objetivo da disciplina eclesiástica: restaurar a relação do pecador com Deus e com Seu povo. Se tivermos uma visão negativa ou punitiva da disciplina, então nunca compreenderemos corretamente as palavras de Jesus. Mas, se entendemos a essência restauradora de todo processo disciplinar levado a cabo pela igreja, como devemos interpretar os termos “gentio” e “publicano”? O *Comentário Bíblico Adventista* diz: “Recusando o conselho da igreja, o membro errante se separou de sua comunhão [...]. Isso não significa que ele deve ser desprezado, rejeitado ou negligenciado. Agora, devem ser feitos esforços pelo membro errante, da mesma forma que por qualquer pessoa que não seja membro.”⁶

Quando observamos o ministério terrestre de Jesus, não encontramos nenhum fundamento válido para afirmar que Ele sentia algum tipo de rejeição pelos gentios, pelos publicanos ou por qualquer outro grupo dos denominados “pecadores”. Pelo contrário, Cristo ensinou claramente que trabalhava por essas pessoas e Se relacionava com elas porque, ao contrário daqueles que se achavam sãos, muitos pecadores reconheciam a necessidade do Médico divino.

Compreendida a responsabilidade da congregação no contexto da atitude de Jesus para com os gentios e publicanos de Sua época, veremos que nossa missão não termina com a remoção do membro. Pelo contrário, nossa tarefa estará apenas começando, com o objetivo incansável de reintegrá-lo ao corpo de Cristo. “Quando a pessoa que errou se arrepende e se submete à disciplina de Cristo, deve ter uma nova oportunidade. Mesmo que não se arrependa e venha a ser excluída da igreja, os servos de Deus têm o dever de com ela tentar esforços, buscando induzi-la ao arrependimento. Caso se render à influência do Espírito de Deus, dando prova de arrependimento, confessando o pecado e a Ele renunciando, por mais grave que seja, deve merecer o perdão e ser de novo recebida na igreja. Aos irmãos compete encaminhá-la pela vereda da justiça, tratá-la como desejariam ser tratados em seu lugar, olhando por si mesmos para que não sejam do mesmo modo tentados.”⁷

Em relação a esse assunto, o *Manual da Igreja* acrescenta: “Aos ex-membros deve ser assegurado que a igreja tem a esperança de que voltarão voluntariamente e que um dia haverá comunhão eterna no reino de Deus. [...] Quando pessoas forem removidas por disciplina, a igreja deve, quando possível, manter contato e manifestar espírito de amizade e amor, empenhando-se em trazê-las de volta ao Senhor.”⁸

É verdade que aquele que rejeita a advertência da igreja se separa da comunhão de seus irmãos na fé, mas, ao fazê-lo, torna-se um alvo especial dos esforços missionários de sua ex-congregação.

O papel do pastor

Ellen White foi muito enfática quanto ao papel dos ministros na tarefa de buscar as ovelhas extraviadas: “Alguns pastores que professam ter sido chamados por Deus têm o sangue das almas em suas vestes. Estão cercados de apóstatas e pecadores, contudo não sentem responsabilidade por essas pessoas. Manifestam indiferença pela sua salvação. Alguns estão tão entorpecidos que

não possuem qualquer senso do trabalho do ministério evangélico. Não consideram que, como médicos espirituais, é requerida deles perícia em ministrar aos corações enfermos pelo pecado. O trabalho de advertir pecadores, de chorar por eles e convencê-los tem sido negligenciado até que muitas pessoas fiquem desenganadas.”⁹ “Não devemos oprimi-los com censuras desnecessárias, mas deixar que o amor de Cristo nos constranja a ser compassivos e brandos, de modo que choremos com os que erram e com os que se desviaram de Deus. O ser humano é de infinito valor. Esse valor só pode ser calculado pelo preço pago a fim de redimi-lo. O Calvário! O Calvário! Somente o Calvário expressará o real valor de um ser humano!”¹⁰

A igreja inteira deve fazer esforços para recuperar os irmãos que se afastaram (ou que saíram desconsolados depois de receber uma disciplina eclesiástica), mas é o pastor que deve ser um exemplo nesse aspecto, adotando em seu ministério uma ênfase marcada pelo trabalho com corações frios e tristes. E se já nos enganamos e ferimos alguma ovelha que se afastou do rebanho? “Busquem os que têm repellido, e por sua confissão atem as feridas que lhes causaram.”¹¹ ■

Referências

- 1 Ellen G. White, *Ministério Pastoral* (Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2015), p. 219.
- 2 A expressão “contra você” não está atestada nos melhores manuscritos. É por esse motivo que um grande número de comentaristas e eruditos neotestamentários consideram que é possível aplicar o procedimento de Mateus 18:15 a 17 a qualquer ofensa ou pecado que vá contra as normas da comunidade cristã. Ver, por exemplo, James D. G. Dunn e John W. Rogerson (eds.), *Eerdmans Commentary on the Bible* (Grand Rapids, MI: Eerdmans, 2003), p. 1040.
- 3 Jonas Arrais, *Uma Igreja Positiva em um Mundo Negativo* (Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2008), p. 78.
- 4 Arrais, *Uma Igreja Positiva em um Mundo Negativo*, p. 78.
- 5 George A. Buttrick (ed.), *The Interpreter's Bible* (Nova York, NY: Abingdon Press, 1952), v. 7, p. 473; Robert H. Mounce, *New International Biblical Commentary* (Peabody, MA: Hendrickson, 1995), v. 1, p. 176.
- 6 Francis D. Nichol (ed.), *Comentário Bíblico Adventista do Sétimo Dia* (Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2012), v. 5, p. 437.
- 7 Ellen G. White, *Conselhos Para a Igreja* (Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2010), p. 263. Ver o capítulo 46 (“Cuidando dos que Erram”).
- 8 Associação Geral dos Adventistas do Sétimo Dia, *Manual da Igreja* (Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2023), p. 74.
- 9 White, *Ministério Pastoral*, p. 219, 220.
- 10 White, *Ministério Pastoral*, p. 222.
- 11 White, *Conselhos Para a Igreja*, p. 260.



Jorge Rampogna
líder de comunicação da
Igreja Adventista para a América do Sul



CULTURA DO CANCELAMENTO

O auditório do simpósio de comunicação estava lotado. Enquanto eu palestrava sobre o cuidado com as postagens na internet, percebi que um dos líderes estava com uma expressão questionadora. De repente, ele levantou a mão e disse: “Entendo a necessidade de sermos cuidadosos. Mas, como podemos equilibrar a prudência com a missão de falarmos a verdade? Parece que estamos sempre com medo de sermos cancelados! Não podemos falar mais nada?”

O momento ficou tenso. Com bastante calma, expliquei que o assunto não se tratava de silenciar nossa voz, mas de escolher as palavras com sabedoria e amor. “Podemos e devemos falar a verdade”, eu disse, “mas é preciso fazê-lo com a consciência de como nossas palavras serão recebidas. Creio que fomos chamados para construir pontes, não barreiras. Precisamos ser fiéis às nossas crenças e, ao mesmo tempo, respeitosos com aqueles que pensam diferente de nós.”

A realidade é que vivemos em uma era marcada por rápidas mudanças sociais e culturais, e a comunicação digital assumiu um papel central em nossa vida. Nesse contexto, a cultura do cancelamento é um fenômeno que tem impactado profundamente a forma como expressamos nossas opiniões e crenças. Isso representa um desafio significativo para pastores e líderes de igreja, especialmente quando precisam pregar mensagens tão impopulares em nossos dias.

A cultura do cancelamento é uma forma de boicote social em que indivíduos ou grupos são publicamente repreendidos por suas ações ou declarações, em situações que podem ser reais ou criadas. Isso geralmente ocorre nas redes sociais e pode resultar em consequências severas, incluindo danos à reputação. Teoricamente, a cultura de cancelamento reflete um desejo de responsabilização e mudança social. No entanto, na prática, ela pode se tornar uma ferramenta de coerção e silenciamento, na qual o medo de ser cancelado impede as pessoas de expressarem suas opiniões.

Às vezes me pergunto como Isaías reagiria se vivesse em nossos dias e tivesse que obedecer à ordem divina: “Grite a plenos pulmões, não se detenha! Erga a voz como a trombeta e anuncie ao Meu povo a sua transgressão” (Is 58:1)! Será que Isaías seria *cancelado*? Creio que sim. Porém, não podemos esquecer que o profeta tinha certeza do seu chamado, conhecia seu público-alvo e carregava um propósito bem definido: levar o povo à obediência.

Da mesma forma, acredito que seja crucial para nós hoje encontrarmos o equilíbrio entre o nosso chamado, a fidelidade às doutrinas bíblicas e a missão de comunicar eficazmente a Palavra de Deus a um mundo dominado pela cultura do cancelamento. Permita-me, então, apresentar três conselhos que o ajudarão a atingir esse propósito:

1 Conheça o público-alvo

Entenda como as pessoas pensam, quais são suas preocupações e valores. Isso o ajudará a moldar uma mensagem que seja adequada, relevante e compreensível, sem comprometer os princípios bíblicos que devem ser apresentados.

2 Fale com empatia e respeito

Fale a verdade, porém, evite usar uma linguagem polarizadora. Seja cuidadoso ao escolher as palavras. Mostre respeito pelos pontos de vista que divergem da ótica da Bíblia. Respeito pelo outro não significa aceitação do seu ponto de vista.

3 Seja claro, transparente e consistente

Mantenha-se firme em suas crenças e argumente de forma clara, mas esteja disposto a explicar o porquê de suas convicções. A consistência e a transparência o ajudarão a construir confiança até entre aqueles que discordam de você.

Que sejamos luz neste mundo escuro, falando a verdade em amor e vivendo de acordo com os princípios do evangelho. ■



Deconstrucción de la Teología Cristiana (3 volumes)

Raúl A. Kerbs, Editorial UAP, 2022.

Todo conhecimento é baseado em pressupostos básicos. A teologia cristã, de igual modo, se baseou numa série de pressupostos que nem sempre foram extraídos da Bíblia, mas a partir da filosofia. O objetivo deste trabalho monumental é analisar o discurso teológico e identificar seus fundamentos mais básicos, começando com a filosofia grega e alcançando os tempos da filosofia moderna.



Interpreto, Logo Prego

Carlos Olivares, Karl Boskamp Ulloa e Diogo Cavalcanti (Orgs.), Unaspres, 2022, 168 p.

A boa pregação tem sido comparada a uma refeição em um restaurante. Antes de ser servida, faz-se necessário um longo processo de preparação. Este livro oferece princípios práticos para estudar e ensinar a Bíblia utilizando um texto de Isaías e outro de Lucas como modelos de análise gramatical e do contexto literário e histórico para auxiliar na elaboração do sermão. Ao ler esta obra, você obterá ferramentas e técnicas que lhe ajudarão a construir pontes entre o texto bíblico e o contexto atual da sua igreja.



Juízo sem Medo

Roy E. Gane, CPB, 2023, 152 p.

Tida como uma doutrina distintiva, o juízo investigativo tem gerado medo em alguns e crítica por outros. De forma objetiva e clara, o autor mostra por que essa verdade bíblica deve ser entendida como pertencendo às boas novas de salvação, e qual é sua relevância para aqueles que estão vivendo durante os últimos capítulos do conflito cósmico. Destacando a relação entre o juízo, o evangelho, a profecia e o caráter de Deus, esta obra reforçará em você a fé de que um dia o mal finalmente terminará.



As Palavras e Obras de Jesus

J. Dwight Pentecost, Hagnos, 2022, 848 p.

O grande Mestre galileu já foi alvo de escrutínio, análise e estudo. Sua vida e Seus ensinamentos são fonte contínua de inspiração e admiração. A transformação que Ele conseguiu realizar na história da humanidade provavelmente nunca deixará de provocar admiração. Com isso em mente, *As Palavras e as Obras de Jesus* oferece um estudo abrangente e sistemático da vida de Cristo. Nela, você conhecerá o cenário cultural, político e religioso dos tempos de Jesus. Acompanhando as reflexões do autor, você compreenderá melhor os atos, as palavras e a vida do grande Rei. Para o leitor curioso, o pregador e o estudante, esta é uma obra fundamental para se conhecer.

**Eric Richter**

editor associado da
revista Ministério,
edição em espanhol

AS ESTRELAS DO APOCALIPSE

O livro do Apocalipse não foi escrito nas melhores circunstâncias. O imperador Domiciano (81-96) havia desencadeado uma nova perseguição contra os cristãos no Império Romano. João foi preso e levado a Roma. Lá, segundo relata Tertuliano (c. 155-220), o imperador tentou executá-lo publicamente, lançando-o em um tanque de óleo fervente. No entanto, o idoso apóstolo foi protegido por Deus e saiu ileso. Enfurecido, o imperador ordenou que João fosse exilado em Patmos (*De Praescriptionibus Adversus Haereticos*, 36).

Enquanto o apóstolo permanecia na ilha-prisão de Patmos (Ap 1:9), suas igrejas estavam sozinhas e sem líderes, pois os romanos costumavam começar sua perseguição contra os dirigentes das comunidades cristãs, na esperança de que, sem liderança, as igrejas simplesmente se desintegrassem. Talvez entre os crentes das sete igrejas surgisse uma pergunta: “Vale a pena se levantar e liderar a igreja quando, ao fazê-lo, enfrentaremos tribulações, perseguição e martírio?”

Dentro desse contexto, uma das coisas que mais me maravilham no Apocalipse é a maneira tão criativa e genial com que Deus transmitiu mensagens relevantes e profundas, usando apenas uma

imagem ou símbolo. Mediante uma visão, Cristo respondeu às perguntas e inquietações espirituais que assolavam a mente dos crentes. Adorando em um dia de sábado, João recebeu uma visão extraordinária: “Vi sete candelabros de ouro e, no meio dos candelabros, um semelhante a um Filho de Homem, com vestes talares e cingido, à altura do peito, com um cinto de ouro. [...] Na mão direita Ele tinha sete estrelas, e da Sua boca saía uma afiada espada de dois gumes” (v.13-16).

Com uma única imagem, Cristo explicou aos crentes de que maneira Ele estava atuando em favor deles enquanto sofriam tribulações:

1. Jesus estava no meio de sete candelabros. Ele mesmo explica que “os sete candelabros são as sete igrejas” (v.20), ou seja, naquele momento de perseguição, Jesus estava no meio deles, acompanhando-os, sem os deixar sozinhos.

2. Jesus estava vestido como sacerdote. Ele intercedeu por eles no santuário celestial, assegurando que suas orações chegassem ao Pai, além de ser o canal pelo qual as bênçãos celestes fluiriam para os crentes.

3. “Da Sua boca saía uma afiada espada de dois gumes” (v. 16). Essa mesma descrição aparece em Hebreus 4:12. Portanto, em momentos de tribulação, os crentes podiam ouvir a voz de Cristo ao lerem a Palavra de Deus.

4. Jesus afirma que as sete estrelas em Sua mão direita “são os anjos das sete igrejas” (Ap 1:20). João havia recebido a ordem

para escrever o Apocalipse e enviá-lo às sete igrejas. Cada carta às sete igrejas começa com uma frase: “Escreva ao anjo da igreja de...”. Aqui se usa a palavra grega *angelos*, que significa “mensageiro”. Embora às vezes esse vocábulo seja usado para se referir a seres angelicais, esse significado não faz muito sentido nesse contexto. É evidente, portanto, que essa é uma referência a sete corajosas pessoas que dedicaram seus recursos, tempo e energia para serem mensageiros da mensagem profética do Apocalipse e levá-lo às sete igrejas. Qual foi a recompensa por esse serviço abnegado e arriscado? Jesus considerava essas pessoas como estrelas brilhantes, as quais protegia e guardava em Suas mãos. Elas possuíam um lugar especial na mente de Deus, um lugar de afeto por sua liderança e seu serviço.

Portanto, para Cristo, nosso ministério e toda a dedicação abnegada – sobretudo em contextos difíceis –, nunca passam despercebidos. ■

“

Jesus

*considerava
essas pessoas
como estrelas
brilhantes, as
quais protegia
e guardava em
Suas mãos.*

”







 /cpbeditora
 CPB.COM.BR



Baixe o
aplicativo CPB



WHATSAPP 
15 98100-5073



EM QUALQUER LAR
sua editora perto de você!

LIGUE GRÁTIS
0800-9790606
 de telefone fixo ou celular



Encontre a
CPB LIVRARIA
 mais próxima
 de você!

